

GDF. SA. TOR

1995/1998

DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO DE PESSOAL

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS

FORMULÁRIOS



CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS SERVIDORES PÚBLICOS DO GDF

NOME: MATRÍCULA:

COORDENADOR:

LOCAL: DATA:/...../.....

PORTUGUÊS

LIMPEZA DA SALA

HOJE, EM NOSSA CLASSE, A PROFESSORA TEVE UMA CONVERSA MUITO SÉRIA CONOSCO, LOGO NO INÍCIO DA AULA, ELA DISSE:

– ESTOU TRISTE COM VOCÊS PORQUE RECEBI UMA RECLAMAÇÃO DA DONA ZÉLIA. VOCÊS SABEM QUEM É ELA?

TODOS RESPONDERAM QUE NÃO E ELA CONTINUOU:

– DONA ZÉLIA É A ZELADORA QUE FAZ A LIMPEZA DE NOSSA SALA. ELA RECLAMOU QUE TEM ENCONTRADO A SALA MUITO SUJA. NOTEM COMO AGORA A SALA ESTÁ LIMPA. VAMOS ZELAR POR ELA?

DEPOIS DISSO AJUDAMOS A PROFESSORA A FAZER UM CARTAZ QUE DIZIA: “COLABORE COM A ZELADORA, MANTENDO A SALA LIMPA”.

NO DIA SEGUINTE, A PROFESSORA CONTOU QUE FIZEMOS DONA ZÉLIA MAIS FELIZ, POR QUE VALORIZAMOS SEU TRABALHO NA ESCOLA.

1 - LEIA COM ATENÇÃO E RESPONDA AS PERGUNTAS:

a - QUEM ERA DONA ZÉLIA?

.....

b - QUAL ERA A RECLAMAÇÃO?

.....

c - QUE PEDIDO FEZ A PROFESSORA À CLASSE?

.....

d - POR QUE DONA ZÉLIA FICOU MAIS FELIZ?

.....

e - VOCÊ AJUDA A CONSERVAR A LIMPEZA DE SUA SALA, SUA CASA, SUA CIDADE? COMO?

.....

.....

2 - SEPRE AS SÍLABAS DAS PALAVRAS:

a - CLASSE	f - PROFESSORA
b - INÍCIO	g - RECEBI
c - LIMPA	h - LIMPEZA
d - CARTAZ	i - ZELADORA
e - AGORA	j - TRABALHO

3 - DÊ O PLURAL DAS PALAVRAS:

a - HOTEL	f - FELIZ
b - MESA	g - SALA
c - O MAR	h - LÁPIS
d - CANÇÃO	i - COPO
e - CIRCO	j - LANCHE

4 - FORME FRASES COM AS PALAVRAS:

a - ZELADORA
b - TURMA
c - CHAPÉU
d - AULA
e - ÔNIBUS

5 - DÊ O SINÔNIMO DAS PALAVRAS:

a - CLASSE	d - COLABORAR
b - VELHO	e - LIGEIRO
c - ALEGRE	f - DELICIOSO

6 - ESCREVA AS LETRAS QUE FALTAM PARA COMPLETAR O ALFABETO:

A,,, D,,,, H,,,,, N,,,, R,,,,

BOM TRABALHO!



CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS SERVIDORES PÚBLICOS DO GDF

NOME: MATRÍCULA:

COORDENADORA:

LOCAL: DATA:/...../.....

MATEMÁTICA

1)
$$\begin{array}{r} 24 \\ + \\ \hline 11 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 36 \\ + \\ \hline 18 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 142 \\ - \\ \hline 114 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 65 \\ - \\ \hline 32 \end{array}$$

2) RESOLVA OS PROBLEMAS ABAIXO.

a) NUMA ESCOLA DE CEILÂNDIA HÁ 849 ALUNOS. FORAM MATRICULADOS NO INÍCIO DE 1995 MAIS 283. QUANTOS ALUNOS HÁ AO TODO NESSA ESCOLA?

OPERAÇÃO

RESPOSTA

.....
.....
.....
.....
.....

b) NA COMPRA DE UMA GELADEIRA, A ENTRADA FOI DE R\$ 150,00. SE A GELADEIRA CUSTA R\$ 500,00. QUANTO FALTA PARA TERMINAR DE PAGAR?

OPERAÇÃO

RESPOSTA

.....
.....
.....
.....
.....



CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS SERVIDORES PÚBLICOS DO GDF

NOME: MATRÍCULA:

COORDENADORA:

LOCAL: DATA:/...../.....

MATEMÁTICA

1) . 2 4 3 6 1 4 2 6 5
 + + - -
 1 1 1 8 1 1 4 3 2

2) RESOLVA OS PROBLEMAS ABAIXO.

a) NUMA ESCOLA DE CEILÂNDIA HÁ 849 ALUNOS. FORAM MATRICULADOS NO INÍCIO DE 1995 MAIS 283. QUANTOS ALUNOS HÁ AO TODO NESSA ESCOLA?

OPERAÇÃO	RESPOSTA
	
	
	
	
	

b) NA COMPRA DE UMA GELADEIRA, A ENTRADA FOI DE R\$ 150,00. SE A GELADEIRA CUSTA R\$ 500,00. QUANTO FALTA PARA TERMINAR DE PAGAR?

OPERAÇÃO	RESPOSTA
	
	
	
	
	

c) O MEU SALÁRIO É DE R\$ 100,00. ESTE MÊS MINHA CONTA DE LUZ FOI DE R\$ 7,00, A CONTA DE ÁGUA FOI DE R\$ 10,00. QUANTO ME SOBROU PARA AS OUTRAS DESPESAS?

OPERAÇÃO	RESPOSTA
	
	
	
	
	

d) SE A PASSAGEM DA LINHA DE LIGAÇÃO CUSTA R\$ QUANTO PAGAREI DE PASSAGENS, DE IDA AO PLANO PILOTO, SE SOMOS 5 PESSOAS?

OPERAÇÃO	RESPOSTA
	
	
	
	
	

e) PARA A CONSTRUÇÃO DA CASA DO SENHOR JOÃO FORAM CONTRATADOS 4 TRABALHADORES. SENDO QUE ELE TINHA R\$ 1.200,00. QUANTO RECEBEU CADA TRABALHADOR?

OPERAÇÃO	RESPOSTA
	
	
	
	
	

f) ESCREVA, POR EXTENSO, OS NUMERAIS ABAIXO:

- a) 6
- b) 12
- c) 37
- d) 108
- e) 265
- f) 349
- g) 1001
- h) 1033
- i) 1354

BOM TRABALHO!

**PARTE**

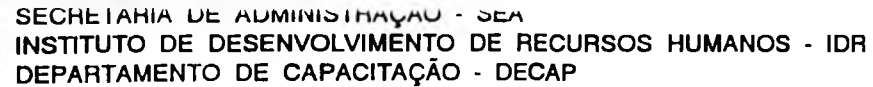
DISCIPLINA

[illegible]



PARTE	DISCIPLINA
-------	------------

[illegible]



QDRALFA/SEGRAF-IDR



CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS SERVIDORES PÚBLICOS DO GDF

LOCAL

OBSERVAÇÕES: **A - ALFABETIZAÇÃO** **NA - NÃO ALFABETIZADO**



QUADRO DEMONSTRATIVO DE FREQUÊNCIA
CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS SERVIDORES PÚBLICOS DO GDF

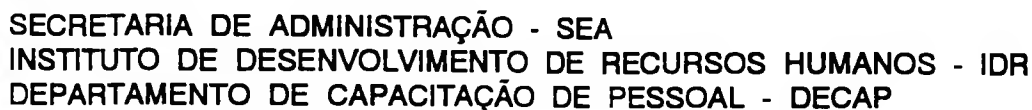
TURNO

TURMA

PERIODO

LOCAL

[illegible]



Coordenador: **Início:**

FICHA DE MATRÍCULA Nº

Nome:

Endereço: **Ocupação:**

Estado Civil: **Idade:** **Data de Nascimento:**/...../.....

Renda Familiar:

Moradia: Própria () Cedida () Alugada ()

Órgão que trabalha:

Setor: **Matrícula:**

Cargo que ocupa:

Data de admissão:/...../

[illegible][illegible]

EXPERIÊNCIA COM ESCOLA

Frequêntou escola quando criança? O que aprendeu?

.....

EXPERIÊNCIA ASSOCIATIVA

Tem participação em movimentos reivindicatórios?

.....

RELIGIÃO

Qual a sua religião?

Que tipo de participação?

EXPERIÊNCIA DE TELESPECTADOR

Tem televisão em casa?

Qual o programa que mais gosta de assistir?

Qual o horário:

Frequência: () Diária () Sábado () Dia () Domingo

OPINIÕES

Você acha que há vantagens em saber ler e escrever por quê?

.....

.....

Você acha que o estudo pode modificar a vida das pessoas? Por que?

.....

.....

Você acha que o analfabeto deve votar? Por que?

.....

.....

.....

Data:/...../.....

DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO DE PESSOAL

PLANO DE CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS SERVIDORES DO GDF

I - CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DE SERVIDORES DO GDF

DISCIPLINA: LINGUAGEM E MATEMÁTICA (ALFANUMERIZAÇÃO)

INSTITUIÇÃO:

LOCAL:

ENDEREÇO:

TURMA:

PERÍODO:

PROFESSOR/COORDENADOR:

ANO:

DURAÇÃO - DATA INÍCIO ____/____/____

TÉRMINO: ____/____/____

OBSERVAÇÕES:

CARGA HORÁRIA TOTAL:

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA:

II - DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA (2h/dia)

TOTAL de horas-aula semanais:

TOTAL de horas-aula mensais:

MÊS/ANO

Nº H/A

TOTAL de horas/aula destinadas:

Teste de acuidade visual:

Avaliação (aplicação/ correção de provas):

III - OBJETIVOS DE LINGUAGEM

Ao final do curso, o alfabetizando deverá ser capaz de:

- . ler e interpretar com clareza textos na língua portuguesa;
- . expressar-se e comunicar-se em português, oralmente, em grupo;
- . interpretar os problemas existenciais do seu cotidiano com visão crítica de sua inserção social;

- formação de frases
- uso de jogos, brincadeiras e dramatizações com conteúdo de interesse de jovens e adultos.
- uso de dicionário na sequência alfabética para auxiliar a correção das novas palavras elaboradas pelos alfabetizandos
- elaboração de frases textos (bilhetes, cartas, histórias)
- leitura de livretos informativos sobre Saúde (Higiene, Vacinação, raiva, lixo, cólera, Trabalho, organização, Documentos)
- identificação e reconhecimento de documentos pessoais, bancários, institucionais.

c) - RECURSOS DE APOIO DIDÁTICO À LINGUAGEM

- ambiente de sala de aula: arejado, boa iluminação e silencioso, amplo, que permita a disposição dos alfabetizandos em círculo.
- equipamentos: mesa/cadeira do Coordenador/Professor, mesa e cadeiras dos alfabetizandos (não é recomendável carteira universitária), quadro giz e apagador
- materiais: jogos de cartazes de cada palavra geradora, de fichas de "descoberta" individuais (fotocopiadas), dicionários, mapa mundi e do Brasil, fita adesiva, giz, jornais, revistas, livretos-informativos, textos (fotocopiados), formulários bancários, documentos pessoais e trabalhistas (fotocopiados).

VII - MATEMÁTICA

a) - CONTEUDO PROGRAMÁTICO DE MATEMÁTICA

- identificação das aquisições do universo matemático demonstrado pelos alfabetizandos;
- história dos números;
- correspondência numérica;
- sistema numeral decimal (unidade, dezena, centena, milhar, milhão);
- noções de tamanho;
- numeração ordinal;
- formas geométricas planas: triângulo, círculo, quadrado;
- quatro operações: adição, subtração, multiplicação, divisão;
- sistema legal de medidas (massa, comprimento, capacidade e tempo);
- sistema monetário brasileiro;
- interpretação e soluções de situações-problema do cotidiano dos alfabetizandos, aplicando as quatro operações;
- análise, interpretação e manuseio de documentos pessoais, trabalhistas e bancários;

IX - CERTIFICADO

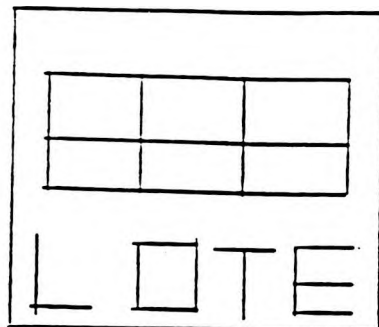
O certificado de conclusão do curso com aproveitamento, somente será fornecido pela Universidade de Brasília aos alunos que obtiverem conceito de ótimo e bom. O aluno cujo aproveitamento foi avaliado como regular deverá continuar os estudos até atingir o desempenho correspondente à ótimo ou bom.

DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO DE PESSOAL

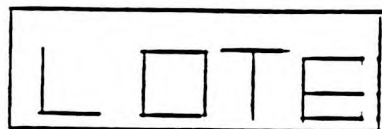
CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS SERVIDORES DO GDF

PASSOS METODOLÓGICOS NA ORIENTAÇÃO DO CÍRCULO DE CULTURA

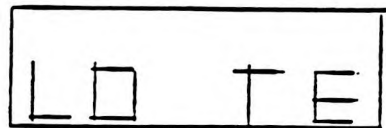
- 1º - Apresentação da situação existencial, fixando-se na figura em cartaz
- 2º - Descodificação da situação existencial, através do diálogo entre o coordenador e os alfabetizandos e estes entre si. Ao final do debate o coordenador lê identificando a palavra-geradora no cartaz. O coordenador dispõe do roteiro "aberto" e da orientação prática.



- 3º - Visualização da palavra geradora em sílabas, em letras tipográficas.



- 4º - Decomposição da palavra geradora em sílabas, também em letras tipográficas.



- 5º - Nova decomposição da palavra geradora em sílabas, em letras tipográficas.



- 6º - Visualização das famílias fonêmicas que compõem a palavra geradora onde os alfabetizandos fazem o reconhecimento das sílabas da palavra visualizada.

LA - LE-LI -LO-LU

- 7º - Leitura para fixação das famílias fonêmicas através da qual é possível observar as diferenças no início e no final das sílabas e o reconhecimento das vogais, última etapa do processo analítico.

TA-TE - TI-TO- TU

- 8º - Formação de palavras novas pela decomposição das famílias fonêmicas, iniciando o processo de síntese oral e ocasionando a aprendizagem do mecanismo de nossa língua pela função de sílabas.

- 9º - Escrita da palavra geradora e das famílias fonêmicas (entrega da ficha de descoberta individual).



SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO - SEA
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS - IDR
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO - DECAP

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS SERVIDORES DO GDF

PALAVRA-CHAVE CHUVA

Roteiro

- Importância da chuva;
- Problemas com a chuva;
- Atuação do governo.

Orientação Prática

- Multirão para limpeza das ruas.

PALAVRA-CHAVE

ESCOLA

Roteiro

- Lugar de aprender;
- Despesas com a escola;
- Programa do governo;
- Falta de professores.

Orientação Prática

- Participação ativa nos Conselhos Escolares e APMs
- Reivindicar matrícula para Fase 2.



CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS SERVIDORES DO GDF

PALAVRA-CHAVE

JOGO

Roteiro

- Jogos de azar e diversão;
- Jogos educativos;
- Importância do jogo;
- Loteria/loto (como o governo usa o dinheiro);
- Jogos para enganar o povo;
- Jogos como profissão e vício.

Orientação Prática

- Estimular os jogos educativos para crianças e jovens;
- Reivindicar espaço para o lazer.

PALAVRA-CHAVE

SECURA

Roteiro

- Fome;
- Êxodo rural;
- Vida na cidade e Latifundio;
- Papel do governo e reforma agrária;
- Clima seco (dificuldades e cuidados com a saúde).

Orientação Prática

- Aprofundar o tema reforma agrária;
- Cuidados para conservar a umidade;
- Cuidados para evitar a desidratação.



SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO - SEA
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS - IDR
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO - DECAP

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS SERVIDORES DO GDF

PALAVRA-CHAVE

TRABALHO

Roteiro

- Transformação da natureza em cultura;
- Salário: alimentação, aluguel e transporte/vencimento;
- Desemprego;
- Divisão do trabalho;
- Servidor do público, direitos e deveres;

Orientação Prática

- Carreira do Servidor Público.
- Participação sindical;
- Cuidados com a saúde no trabalho.
- Carreira do Servidor Público.

PALAVRA-CHAVE

TELEVISÃO

Roteiro

- Importância da televisão como meio de informação;
- Lazer e educação.

Orientação Prática

- Observação das propagandas;
- Formar grupos para discutir notícias.



CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS SERVIDORES DO GDF

PALAVRA-CHAVE

LOTE

Roteiro

- Propriedade da terra;
- Condições de vida no lote (banheiro, vizinho, etc.)
- Aluguel;
- Direito à terra - reforma agrária;
- Associação de inquilinos ou moradores.

Orientação Prática

- Participação na associação de moradores ou de inquilinos;
- Participação em Sindicato

PALAVRA-CHAVE

COMIDA

Roteiro

- Fome;
- Preço - custo;
- Saúde;
- Alimentos básicos - educação;
- Programas de alimentação do governo.

Orientação Prática

- Horta comunitária/Alimentação alternativa.



SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO - SEA
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS - IDR
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO - DECAP

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS SERVIDORES DO GDF

PALAVRA-CHAVE

MÁQUINA

Roteiro

- Tipos de máquinas;
- Uso de máquina/Legislação;
- Substituição do homem pela máquina;
- Instrumento de ajuda e de morte;
- Máquina progresso e segurança.

Orientação Prática

- Participação ou criação da CIPA.

PALAVRA-CHAVE

VIZINHO

Roteiro

- Brigas entre vizinhos;
- Luta conjunta para resolver os problemas;
- Convivência das crianças;
- Animais de estimação;
- Polícia como defesa e não como repressão.

Orientação Prática

- Participar ou criar associação.



SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO - SEA
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS - IDR
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO - DECAP

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS SERVIDORES DO GDF

PALAVRA-CHAVE

ELEIÇÃO

Roteiro

- Voto - Responsabilidade;
- Título de eleitor;
- Eleição no DF: Executivo (GDF) e Legislativo (CLDF);
- Voto do analfabeto;
- Constituição/Lei Orgânica do DF;
- Partidos políticos atuais;
- Eleição nos Sindicatos.

Orientação Prática

- Pesquisar Sindicatos da categoria;
- Pesquisar partidos e ação de parlamentares.

PALAVRA-CHAVE

BARPACO

Roteiro

- Condições de moradia, social e de saúde;
- Aluguel;
- Possibilidade de Construção de casas;
- Associação de inquilinos e moradores.

Orientação Prática

- Participação na associação de moradores e de inquilinos.



CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS SERVIDORES DO GDF

PALAVRA-CHAVE

FILHO

Roteiro

- Relacionamento entre pais e filhos;
- Agressões às crianças;
- Educação dos filhos;
- Meninos e meninas de rua;
- Problemas com mães que trabalham fora (creche);
- Cuidados com alimentação, saúde e lazer.

Orientação Prática

- Reivindicar a criação de creches.

PALAVRA-CHAVE

RELIGIÃO

Roteiro

- O que é religião;
- Direito de cada um ter ou não ter religião;
- Ensino religioso nas escolas;
- Papel das religiões católica, evangélica, espírita, Afro;

Orientação Prática

- Respeito as pessoas que tem ou não tem religião.



SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO - SEA
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS - IDR
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO - DECAP

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS SERVIDORES DO GDF

PALAVRA-CHAVE

TAGUATINGA

Roteiro

- História de Taguatinga, importância para o DF;
- Relação entre Taguatinga e outras cidades.

Orientação Prática

- Participar dos movimentos populares na cidade onde mora.

PALAVRA-CHAVE

PASSEAGEM

Roteiro

- Preço da passagem;
- Vale transporte;
- Ônibus barato e passe estudantil.

Orientação Prática

- Reivindicar transporte público de boa qualidade;
- Participação na associação dos usuários de transporte coletivo.



SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO - SEA
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS - IDR
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO - DECAP

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS SERVIDORES DO GDF

PALAVRA-CHAVE

LIXO

Roteiro

- Condições de higiene - Trabalho da SLU;
- Consequência da falta de limpeza;
- Taxa de limpeza.

Orientação Prática

- Encontrar uma alternativa de coleta:
eliminação e o aproveitamento do lixo.

PALAVRA-CHAVE

ASSOCIAÇÃO

Roteiro

- Importância da associação;
- Diferença entre trabalho associativo e individual;
- Centralismo e democracia nas associações;
- Tipo de associações.

Orientação Prática

- Participar ativamente nas associações;
- Fazer com que as associações sejam
mais democráticas;
- Participar do sindicato fazendo-o mais
democrático;
- Integrar-se no Orçamento Participativo.

DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO DE PESSOAL
SERVIÇO DE EVENTOS ESPECIAIS

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

- . Dificuldades físicas-visão, coordenação motora, nervoso
- . Interesse da leitura e escrita
- . Participação nas discussões em grupo
- . Influência da religião
- . Experiência de estudo (escolar ou não)
- . Iniciativa na leitura conjunta
- . Desempenho na leitura
- . Desempenho na escrita
- . Influência do método tradicional
- . Exercícios domiciliares
- . Assimilação na memorização
- . Frequência X desempenho
- . Cooperação com os colegas
- . Apoio da família
- . Apoio no Trabalho
- . Influência de problemas pessoais, mudança de moradia, doença pessoal e de familiares, férias.



SEMANAL () QUINZENAL () MENSAL () DE: ____/____/____ a ____/____/____

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA SERVIDORES DO GDF

OBJETIVO	UNIDADE "O QUE"	ESTRATÉGIA "COMO"	AVALIAÇÃO "RESULTADO"	TEMPO GASTO	PERÍODO UNIDADE

CONSIDERAÇÕES GERAIS:

ALFABETO

A a B b C c D d E e

A a B b C c D d E e

F f G g H h I i J j

F f G g H h I i J j

K k L l M m N n O o

K k L l M m N n O o

P p Q q R r S s T t

P p Q q R r S s T t

U u V v W w X x Y y

U u V v W w X x Y y

Z z

Z z

GDF - SE - FEDF
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - UEJA

PROGRAMA PERMANENTE DE ALFABETIZAÇÃO E
EDUCAÇÃO BÁSICA PARA JOVENS E ADULTOS - PROALFA
Em parceria com a sociedade civil.

CADASTRO DE INSTITUIÇÃO

NOME/RAZÃO SOCIAL: _____

END.: _____

TEL.: _____

CGC: _____

RESPONSÁVEIS:

1. Nome: _____
Cargo/Função: _____
CI nº _____ Órg. Exp.: _____
CPF: _____
End.: _____
Tel.: _____

2. Nome: _____
Cargo/Função: _____
CI nº _____ Órg. Exp.: _____
CPF: _____
End.: _____
Tel.: _____

3. Nome: _____
Cargo/Função: _____
CI nº _____ Órg. Exp.: _____
CPF: _____
End.: _____
Tel.: _____

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE PROJETOS

1. Dados de Identificação da Instituição Conveniada
2. Justificativa
 - O motivo da efetivação do convênio com a FEDF
3. Diagnóstico
 - Situação da instituição/organização quanto à clientela a ser atendida: quantitativo, faixa etária, interesse e necessidade dos participantes e nível de escolaridade.
4. Objetivo
 - Para que a instituição/organização quer realizar a ação proposta .
5. Meta
 - Apresentação do universo e do potencial da clientela a ser atingida e nível de abrangência da instituição/organização.
6. Estratégia de Execução
 - Como a instituição/organização pretende desenvolver a ação proposta: disponibilidade dos recursos humanos (coordenador, professor/monitor), espaço físico, material permanente e de consumo, calendário das aulas (dia e hora), duração provável do Projeto, tipo de contrato do professor.
7. Previsão Orçamentária para:
 - Recursos Humanos;
 - Material;
 - Transporte;
 - Outras Despesas.
8. Avaliação do Projeto
 - Quais os procedimentos avaliativos da instituição/organização quanto ao atendimento dos seus objetivos.



GDF - SE - FEDF

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA

UNIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

**PROGRAMA PERMANENTE DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO
BÁSICA DE JOVENS E ADULTOS DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO**

PARCERIA FEDE/ENTIDADES CIVIS ORGANIZADAS

- RELATÓRIO -

IDENTIFICAÇÃO

Entidade: _____
Endereço: _____ Fone: _____
Nome do Responsável: _____ Fone: _____
Período: _____

1997

ROTEIRO PARA APRESENTAÇÃO DE RELATÓRIO

1 - APRESENTAÇÃO

Na apresentação constarão informações referentes à justificativa, objetivos, histórico, metodologia aplicada e tudo o mais que favoreça a compreensão do relatório.

2 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Neste item deverão ser relatadas as atividades desenvolvidas em sala de aula e/ou fora dela e que subsidiarem o alcance dos objetivos pedagógicos propostos, em todos os aspectos, enfocando a utilização de recursos humanos e materiais, sem detalhamento, de maneira breve e sucinta, os aspectos pedagógicos, organizativo e de capacitação.

3 - ACOMPANHAMENTO

Relato das ações relativas a treinamento(s), reuniões, visitas, observações, coordenação e supervisão, que organizaram e estruturaram o projeto.

4 - DIFICULDADES/SOLUÇÕES

Relato das dificuldades que, no decorrer do processo interferiram negativamente, bem como das soluções encontradas (ou não), nos aspectos organizacionais, estruturais, pedagógicos e financeiros.

5 - QUANTITATIVO DE ALUNOS

Neste item deverá constar;

- a) alunos matriculados
- b) alunos desistentes
- c) alunos freqüentes
- d) alunos habilitados

6 - AVALIAÇÃO

Neste item serão apontados os aspectos avaliativos, numa perspectiva diagnóstica em processo, de modo a oferecer a retroalimentação da práxis.

7 - RECOMENDAÇÕES/SUGESTÕES

Neste item constarão as recomendações/sugestões consideradas relevantes e exeqüíveis, e que poderão subsidiar, substancialmente, o processo na busca de resultados com qualidade.

8 - ANEXOS

São gráficos, quadros, esquemas, modelos, textos, etc.; que complementam as informações contidas no relatório. Anexar ainda ao relatório fotos de atividades com aluno, devidamente identificadas com: nome da atividade, nome da instituição/local e data.

PROGRAMA Nº 4

**ESELHO, ESELHO MEU:
DIGA-LHES QUEMSOU EU**

Falar do jovem e do adulto que carecem da educação básica, no Brasil, é falar das mazelas que afligem a realidade social; da forma como elas vêm sendo construídas pelos modelos econômicos, que mais geram miséria do que desenvolvimento.

É, ainda, falar de que a existência desses jovens e adultos subescolarizados é decorrência de um processo deliberado de promover o fracasso da escola pública e a conseqüente exclusão dos alunos.

É falar, também, das precárias condições de vida da população, especialmente estampadas nos grandes centros urbanos, que não têm mais onde esconder o modo como vivem largos contingentes da população brasileira. É falar da fome, do desemprego, do subemprego, da falta de oportunidades.

É essa miséria social que serve de palco para esse tema, onde os atores mais sobrevivem do que conseguem viver.

Cena aberta: 1º ato

Como se vê, o cenário não é dos mais bonitos. As habitações, quando existem, são pobres e toscas. Ou amontoadas, porque o espaço é pouco para tantos. Poderia ir indefinidamente falando da cena – tão conhecida dos que querem ver a realidade. Mas falo da educação reservada a esses personagens:

Toda a educação que tem sido pensada para essa população precisa ser entendida nesse marco condicionante que é a miséria social, familiar às camadas populares brasileiras e aos povos dos chamados países do Terceiro Mundo, incluindo os nossos vizinhos latinoamericanos.

É para essa população de excluídos do desenvolvimento e dos sistemas educacionais que tem sido pensada a educação de jovens e adultos. Mesmo sabendo que os que, ainda assim, nem todos terão direito a ela.

O desenvolvimento das sociedades no mundo, o conhecimento que se foi produzindo e acumulando, os avanços da ciência e da tecnologia foram, também, responsáveis por esse processo de exclusão. Mundo que pensava ser a natureza inesgotável e que os recursos naturais não se acabariam nunca. Que optou pela destruição de recursos, reservas e bens não renováveis, em nome do progresso e do desenvolvimento. E acabou por se lhe deparar uma maioria de pessoas alijadas dos benefícios e do direito às conquistas que historicamente se foram produzindo.

QUE PAPEL, ENTÃO, O SISTEMA DE ENSINO TEM REPRESENTADO NESSE CENÁRIO?

Para os que conseguiram ter acesso à escola, o que se acaba discutindo é a própria questão da qualidade dessa escola: o que ensina, por que e para quê.

Para os que chegaram a ela, mas foram reprovados várias vezes, e acabaram excluídos, fica a certeza de uma escola que não tem cumprido o seu papel de dar aos alunos, os instrumentos minimamente necessários para viver na sociedade de hoje: a leitura e a escrita. E como viver em uma sociedade onde a necessidade do saber e da informação é coisa tão importante? A escola pode ficar calada?

Cena meio-aberta: 2º ato

Ocultada pelas cortinas e véus que encobrem essa questão, a escola sabe que não pode ser assim.

A conquista do direito à educação vem sendo luta histórica da po-

pulação, na crença – por vezes real e muitas vezes ilusória – de que a escolarização é o caminho seguro para melhores condições de vida. Continua-se acreditando na escola, mesmo quando ela fracassa tanto.

No quadro dessas conquistas, a Constituição Federal de 1988 foi quem mais ampliou esse direito à educação. Assegurou a obrigatoriedade do Ensino Fundamental para todos, independente da idade. Esse direito formal, no entanto, continua lá escrito, para os que sabem ler. Mas... e os que não sabem?

Voltemos à rua. De olho na população que caminha em busca...

Jovens – até quando?

Apesar de a gente continuar dizendo que o Brasil é um país jovem, os dados mais recentes começam a mostrar que, por uma série de fatores, já não somos mais tão jovens assim.

Quando se fala, no entanto, da escolarização, observa-se que há uma redução do número de analfabetos, ao mesmo tempo que há uma ampliação do número de analfabetos funcionais. Isto quer dizer que, de alguma forma, se ampliou no país a oferta de vagas na escola básica: o que faz com que mais gente vá à escola, reduzindo o número absoluto de analfabetos. Mas, por outro lado, amplia-se o número de analfabetos funcionais, ou seja, aqueles se mantêm em situação semelhante aos demais analfabetos porque, embora tenham aprendido os rudimentos básicos da leitura e da escrita, estes, entretanto, são insuficientes para o mundo em que vivem.

Outra coisa que se observa é que o contingente de jovens nas classes de educação de jovens e adultos é muito expressivo; ampliou-se muito, provavelmente devido à crescente perda de qualidade da escola regular.

E, por fim, estudos recentes vão mostrar como essa escola está distante das necessidades desses jovens.

A pesquisadora Marília Sposito¹, estudando a exclusão social dos jovens e violência, lembra que a "noção de juventude é complexa e historicamente determinada". Além disso, que não está tratando de *qualquer* jovem nesse estudo, mas daquele proveniente das classes trabalhadoras. Observa, ainda, que do ponto de vista estatístico, são *adolescentes* os indivíduos de 14 a 17 anos; *jovens*, os de 17 a 25, mas que vai considerá-los, todos, dos dois conjuntos etários, dentro da categoria *jovem*.

Para quem lida com a educação de jovens e adultos, essa é também a categorização, quando se fala de jovens, já que se inclui, sem dúvida, o segmento a partir dos 14 anos (herança do sistema de Ensino Regular que só se permitia tê-los na escola até essa idade).

A pesquisadora vai mostrar o quanto essa população vive em um "limiar" entre o código de regras da infância e o do mundo adulto a que são alçados, especialmente, por sua condição de pobreza, quando têm que assumir responsabilidades, antes, atribuídas ao mundo adulto. Entre os projetos familiares, os da escola e os da rua, com seus grupos espontâneos, chamam a atenção pelo fato de que essas escolhas acabam por nem sempre ser as esperadas pelos modelos convencionais.

Além desses dados, a autora mostra que também a população economicamente ativa fica mais jovem, mas que, ao mesmo tempo, os maiores índices de não-emprego estão situados nessa faixa. A realidade do trabalho vem-se impondo muito cedo para as populações pobres, coincidindo com a etapa de escolarização obrigatória. Tal fato acaba por exigir desses jovens posição de escolha: muitas vezes relegam a escola pela atividade única do trabalho.

Embora as gerações atuais tenham possibilidades mais concretas de acesso à educação do que a de seus pais, as trajetórias escolares que fazem são conturbadas, e não têm continuidade. Mesmo sabendo o quanto é necessário o ensino formal como forma de acesso ao conhecimento sistematizado, quase sempre buscam a escola, apenas, por conta dos certificados que elas podem lhes conferir.

Mesmo reconhecendo essa importância, movimentam-se em sentido contrário a ela, rejeitando os modos e as estratégias vigentes, especialmente quando não as reconhecem nas necessidades do mercado de trabalho.

Adultos – desde sempre?

Se os jovens são estes que anunciamos, quem são então os adultos, e o que os diferencia?

Mais que a idade cronológica, o desenvolvimento do sujeito no mundo adulto está ligado às responsabilidades que assume nesse mundo.

E, como vimos, ela está muito ditada pelo trabalho, no qual os jovens – e muitas vezes até mesmo as crianças – estão inseridos.

Falar do adulto – como também do jovem – é entendê-lo na sua condição de classe, visto pela ótica da classe social à qual pertence. Nesse pertencimento, estão colocadas as formas pelas quais participa da sociedade, mais do que a sua idade e o seu nível de escolaridade.

Alguma certeza se tem: esse adulto da classe que se tem diante de nós é alguém que ficou mais tempo curtindo o seu desejo de voltar à escola. Ficou guardando suas expectativas de poder concluir o que começou, quando criança. Ficou aguardando o momento de a luta pela vida dar-lhe chance de realizar o projeto inacabado, na esperança de a escola poder abrir-lhe as portas para um outro mundo.

Jovens e Adultos juntos na mesma classe: pode? ou Cai o pano

Volta-se à sala de aula, e diante de nós, jovens e adultos, aguardando nosso primeiro movimento. De nossa parte, esperamos algum aceno que nos diga por onde começar. Não sabemos quem são, embora saibamos por que estão ali. Não sabem quem somos, embora saibam por que estamos ali. E isto é tudo. Ah! Um pouco mais: pensam que sabemos tudo, porque somos seus professores. E pensam que não sabem nada, porque têm de estar ali.

Diante de nós, trabalhadores, talvez... Ou desempregados, ou subempregados. Mas todos (todos?) girando em torno do trabalho. Trabalho duro de alguns? Ou de todos? Com hora para entrar e sair, descanso semanal? Carteira assinada? Pagamento de horas extras? Quantas domésticas, que só podem vir para a aula depois de servido o jantar? Quantos participantes das galeras "funk" ou "rap"? Pais de família, mães chefes de família? Mulheres cuidando sozinha dos filhos, abandonadas pelo marido? Adolescentes sonhando com príncipes encantados, como todas as demais?

Tenta-se adivinhar em seus rostos a sua história: a história de cada um, construída e vivida na dureza da vida de pobre; de direitos negados; de educação subtraída; de vergonha por não saber ler até essa idade!

Há tanto para nos conhecermos! Cada um vai contar a sua história, falar das suas vontades, dos seus desejos de estar ali, daquilo que sabe e do que quer aprender.

Começamos a chegar mais perto uns dos outros e identificamos histórias comuns, de sabores amargos, doces, por vezes. Encontramo-nos na proposta de começarmos agora, juntos, a nossa história: essa que escreveremos nas nossas diferenças, nos nossos encontros, no caminho que percorreremos como sujeitos da educação de jovens e adultos.

¹ SPOSITO, M. *Jovens e Educação: novas dimensões da exclusão*. In: Em Aberto. Brasília: MEC: INEP. Ano 11, n. 56, out/dez. 1992.

**GABINETE DA VICE-GOVERNADORA - GDF
EQUIPE DE CAPACITAÇÃO DE ALFABETIZADORES**

***PROPOSTA DE TRABALHO: SISTEMA MONETÁRIO
BRASILEIRO NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS***

Equipe de Elaboração:

**Gilberto Ribeiro do Nascimento
Guitemberg Carneiro N. da Silva
Maria Madalena Tôrres**

Brasília, 05 de maio de 1998.

SISTEMA MONETÁRIO BRASILEIRO NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os termos técnicos da economia, ainda, são restritos aos profissionais da área, impossibilitando assim, um claro entendimento, mesmo às pessoas com maior nível de escolaridade.

Para os jovens e adultos, alfabetizando, que estão no processo de descoberta matemática, observa-se o quanto é difícil, para eles, a compreensão de como sistematizar uma adição simples no caderno, ainda mais entender a linguagem rebuscada e distante do saber popular que a televisão apresenta todos os dias, como: desindexação da economia, lei de mercado, equilíbrio da balança comercial, bolsa de valores, inflação, deflação etc.

Contudo, o trabalhador, a dona-de-casa, o feirante, o vendedor ambulante e tantos outros autônomos, pela necessidade de sobrevivência, acabaram por construir seus códigos de linguagem, ou seja, uma forma popular de comunicação em quase todos os níveis, inclusive o da matemática e isto aconteceu, principalmente, para responder às angústias e dificuldades surgidas no dia-a-dia. A capacidade de criação da humanidade não permite que o homem se renda diante dos problemas cotidianos.

O fato dos alfabetizando conviverem com os baixos salários e o subemprego, revela a capacidade de saber planejar, raciocinar logicamente, pesquisar, avaliar, vender ou comprar qualquer produto. No entanto, esse saber popular adquirido é resultado da experiência de vida de cada um. Portanto, caberá à equipe de alfabetizadores muita atenção e disposição para aprofundar na descoberta desses conhecimentos e a partir dos pressupostos metodológicos de Paulo Freire, partir da realidade dos educandos, estimular a participação dos mesmos afim de transformar o saber popular num saber sistematizado, sendo esse saber construído coletivamente.

Objetivo geral:

- sistematizar e aprofundar os conhecimentos vivenciados pelos jovens e adultos, aplicando situações-problema com base na realidade dos mesmos.

Objetivos específicos:

- sistematizar, na escrita, suas aquisições da linguagem matemática;
- desenvolver situações-problema de comparação, quais sejam, maior e menor, noções de troco, lucro, prejuízo, compra à vista e a prazo, e, ainda, utilizar-se das operações fundamentais na resolução dessas proposições.

Metodologia

O alfabetizador deverá introduzir o S.M.B a partir da situação existencial com moedas antigas e atuais, pode inclusive, pedir aos alfabetizando que colaborem levando cédulas atuais e/ou, a turma também poderá colorir as cédulas xerocopiadas e, ainda, recortá-las de revistas, jornais etc.

O debate deverá basear-se nos seguintes questionamentos:

- qual a nossa moeda oficial ?
- o que se pode adquirir com o salário mínimo?
- esta moeda resolveu os nossos problemas financeiros?
- com o real o problema do desemprego aumentou ou diminuiu?

Orientação prática:

- luta por emprego e salário justo;
- organização sindical;
- ao fazer compras exigir sempre as notas fiscais;
- para preços exorbitantes, sem controle, deveremos ligar e reclamar no Procon - 1512.

Após o debate o alfabetizador poderá complementar fazendo o seguinte relato: no século VII a.C, o primeiro povo a trabalhar com moeda foi o lídio, da Lídia (Turquia), esta moeda era resultado da mistura do ouro com a prata e recebia o nome de eletro. Após cinquenta (50) anos, os gregos e os fenícios (libaneses) aderiram esta idéia. Hoje, cada país tem a sua moeda, por exemplo, o dólar nos EUA, o franco na França, etc.

O alfabetizador poderá pedir aos alfabetizando que façam algumas pesquisas de preço de alimentos, como: o arroz, o feijão, o quilo da verdura, fruta, o quilo da carne, (é importante que o alfabetizador trabalhe com os preços atuais).

Feito o levantamento de preços, o alfabetizador pedirá aos alfabetizando que representem com canudos ou tampinhas o valor de cada

produto, verbalize e registre, inicialmente, no quadro e logo depois no caderno.

O alfabetizador perguntará à turma quem sabe qual é o símbolo do nosso dinheiro? Se nessa aula introdutória ninguém souber, o alfabetizador deixará para pesquisa, deixando, ainda, que os educandos registrem no quadro os preços dos produtos sem o símbolo R\$. No dia seguinte, retomará já com a simbologia.

Deve-se colocar para a turma que o \$(cifrão) é um símbolo universal.

Um material que poderá ser utilizado pelos alfabetizadores no trabalho de numerização são as diversas propagandas de preços que as lojas distribuem, através de “folhetos” ou “encartes”. Nesse caso, é bom que esse material seja atualizado.

Inicialmente, o alfabetizador poderá pedir aos alfabetizados que recortem os preços dos “folhetos e encartes” com quantidades que representem os números inteiros, depois poderá ordená-los do menor para o maior (ordem crescente), no quadro de giz, inclusive, trabalhando a escrita desses valores por extenso afim de trabalhar a interdisciplinaridade.

A recomendação de iniciar o trabalho pelos preços apresentados nos “encartes ou folhetos” é exatamente para facilitar que os educandos manuseiem esses materiais com quantidades diversas, observando, principalmente, a importância da posição da vírgula.

Num outro Círculo de Cultura, também, podem ser trabalhadas as quantidades somente com valores correspondentes aos centavos, como por exemplo, R\$ 0,60, R\$ 0,85, R\$ 0,05, isto para que os educandos observem que, no caso dos centavos, o zero sempre aparece primeiro, ou seja, à esquerda da vírgula. Aqui, é importante que esses “folhetos ou encartes” continuem sendo utilizados.

Já num terceiro momento, ainda, pode-se utilizar os mesmos materiais para desenvolver os conhecimentos mais sistematizados, juntando-se os números inteiros com os decimais(centavos), como por exemplo, R\$ 1,70, R\$ 2,23, R\$ 16,09 etc.

É fundamental que os educadores utilizem-se de um vasto material que proporcione o aprendizado dos alfabetizados e, no caso específico desses “folhetos e encartes”, devem ser usados os mais variados possíveis afim de oportunizar aos educandos a pesquisa constante de preços, evitando assim, que os mesmos sejam induzidos a comprarem nessa ou naquela loja.

Após essa etapa do domínio da simbologia e do entendimento da representação de preços, podem ser apresentadas algumas situações-problema que propiciem a comparação.

Ex.: a) D. Ana foi ao supermercado comprar um litro de óleo e verificou que o preço era R\$ 1,10. No mês seguinte, ao retornar ao mesmo local, o preço estava assim R\$ 1,30. Pergunta-se:

- qual o maior preço ?
- qual o menor preço?
- no mês seguinte, em quanto aumentou o preço do litro de óleo?

Esse problema é apenas um exemplo, o alfabetizador poderá propor vários outros que desenvolvam a questão da visualização, da verbalização, da comparação e do registro no caderno pelos alfabetizandos, só depois de ter vencido esta etapa, poderá introduzir os problemas sistematizados de adição, o que não se pode esquecer é que a noção desses conteúdos já são conhecidos pelos educandos, uma vez que, anteriormente, viram adição e subtração com os números naturais na sapateira.

Agora, propõe-se alguns exemplos de problemas com adição, cabendo ao alfabetizador desenvolver a interpretação dos problemas por meio da leitura, do debate e do processo de descoberta no momento da resolução das proposições surgidas.

- 1) - Esse mês a conta de água do Sr. João veio no valor de R\$50,00 e a conta de luz R\$ 30,00. Ao todo, quanto o Sr. João gastou ?

OPERAÇÃO	RESPOSTA

Exemplo de situações-problemas com subtração:

2) - O salário de D. Maria é de R\$ 130,00. Esse mês ela gastou nas compras R\$ 80,00. Quanto sobrou para outras despesas ?

OPERAÇÃO	RESPOSTA

3) - Se um pacote de arroz com cinco quilos custa R\$ 3,80. Quanto custará quatro pacotes?

OPERAÇÃO	RESPOSTA

4) D. Juliana recebeu uma herança no valor de R\$ 12.000. Resolveu fazer a seguinte divisão, ficando com a metade do dinheiro e a outra metade, dividiu igualmente, para seus dois filhos.

Pergunta-se:

- com quanto da herança D. Juliana ficou?
- quem ficou com a maior parte?
- quem recebeu a menor parte?

O alfabetizador pode criar várias formas de demonstrar outras situações-problema, desde que sejam da realidade da turma, a exemplo disso pode-se trabalhar filas: de ônibus(passageiros sentados e em pé), de hospital, de banco, etc.

Outras formas que poderão ser trabalhadas é com exercícios estruturais, como:

6)- Ligue a coluna da esquerda ao seu valor correspondente na coluna da direita:

- | | |
|---------------------------------|----------------|
| a)- R\$ 5,00 o quilo de carne | vinte reais |
| b)- R\$ 1,00 o quilo de verdura | cinco reais |
| c)-R\$ 14,00 o livro | um real |
| d)-R\$ 20,00 o sapato | quatorze reais |

7) - Observe as quantias no retângulo abaixo:

R\$ 10,25	R\$ 8,00	R\$ 11,00	R\$ 3,50
R\$ 100,00	R\$ 6,00	R\$ 17,50	R\$ 1,00

8) - Dentre as quantias, escreva as que são:

Maiores que R\$ 10,00

- 1- _____
3 _____
5 _____
7 _____

Menores que R\$ 10,00

- 2 _____
3 _____
6 _____
8 _____

9) - O Sr. Francisco foi a uma loja na comercial, em Taguatinga e comprou uma camisa por R\$ 14,00. Ao andar quinhentos metros, percebeu que em outra loja, a mesma camisa estava no valor de R\$ 16,90.

- qual o maior preço ?

- qual o menor preço ?

- qual foi o seu lucro ?

10) - Escreva o valor correspondente às quantidades abaixo :

- 1 - Duzentos reais:.....
- 2 - Seis reais:
- 3 - Nove reais e trinta centavos:
- 4 - Dezoito reais e doze centavos:.....
- 5 - Cento e três reais :
- 6 - Novecentos reais :
- 7 - Mil reais :

11) - Escreva por extenso, os valores abaixo:

1 - R\$ 10,25

.....

2 - R\$ 8,50

.....

3 - R\$ 9,00

.....

4 - R\$ 130,00

.....

5 - R\$ 1.200,00

.....

6 - R\$ 16,00

.....

7 - R\$ 17,50

.....

12) - D. Augusta foi a um supermercado para comprar um filtro de duas velas que estava no valor de R\$ 60,00. Ela resolveu comprá-lo. No dia seguinte, passando por um supermercado vizinho, viu que o filtro igual ao que comprou no dia anterior estava no valor R\$ 52,00. Qual foi o prejuízo de D. Augusta ?

OPERAÇÃO	RESPOSTA

13) - João trabalha em Taguatinga. Todo dia ele gasta, de condução, R\$ 1,10 para ir e R\$ 1,10 para voltar. Quanto João gasta de condução , ao todo, por dia?

OPERAÇÃO	RESPOSTA

14) - D. Maria foi ao banco pagar a conta de luz, no valor de R\$ 22,00 e a água, no valor de R\$ 15,18. Quanto D. Maria gastou nas duas contas ?

OPERAÇÃO	RESPOSTA

15) - D. Josefa foi ao verdurão e comprou uma dúzia de banana por R\$ 0,80, um quilo de quiabo por R\$ 1,00 e uma melancia por R\$ 2,00. Quanto D. Josefa gastou ?

OPERAÇÃO	RESPOSTA

A última etapa do S. M. B é propiciar ao alfabetizando o aprendizado de preenchimento de formulários bancários: cheque, guias de poupança, depósitos etc.

***SUGESTÃO:**

- o alfabetizador deve planejar a possibilidade de levar a turma ao banco com o objetivo de fazer uso das máquinas de extrato e/ou caixas eletrônicos, isto dada a necessidade, cada vez maior, do uso desses equipamentos, além de buscar a independência dos alfabetizados, no sentido

das resoluções dos seus problemas diários, como: receber pagamento, efetuar depósito etc.

Recursos de apoio didático à matemática:

- ambiente de Círculo de Cultura (cadeiras, mesas, quadro de giz);
- material (palitos de picolé, canudos de refrigerante, liguinhas e ou borrachinhas, tampinhas de garrafa);
- formulário bancários, (fotocópias e/ou cópias mimeografadas);
- cédulas de dinheiro atual (fotocópias);
- fichas de número;
- fita adesiva;
- mapa-múndi;
- giz e apagador.

Avaliação:

- a avaliação deve ser um processo contínuo e permanente, tendo como base a observação sistemática do desempenho de cada alfabetizando, que será um diagnóstico da equipe: coordenador, observadores e supervisor.

A avaliação não deve se dar somente no que tange o aprendizado dos alfabetizandos, mas é necessário que ocorra um processo contínuo de revisão da teoria e da prática dos educadores, pois “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.”⁽¹⁾

Para um melhor desenvolvimento dessas atividades, é bom que o alfabetizador esteja atento à atualização dos preços, das taxas de água, luz, telefone, IPTU, prestações em geral, inclusive, buscar realizar um trabalho voltado para a vivência do alfabetizando, jamais adotando a idéia de improviso de preços.

Observação: este texto é baseado na experiência do Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia - CEPAFRE, (1985 a 1998).

Fonte

(1) FREIRE, Paulo. “Pedagogia da Autonomia”, 6ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1997, P. 43-44.

BIBLIOGRAFIA

- ABRANTES, Wanda Medrado. “Partir da realidade do aluno... O que é isso?” Boletim: Um salto para o futuro. Série: Educação de Jovens e Adultos. Programa nº 04. P. 12-13, 1994.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. “Filosofando - Introdução à Filosofia”, 2ª edição, São Paulo : Moderna, 1993.
- CSIK, Márcia. “Símbolos do Meu Mundo - Uma Experiência Matemática na Alfabetização de Adultos”, 1ª edição, Brasília(DF) : Qualis, 1995.
- FREIRE, Paulo. “Pedagogia da Autonomia”, 6ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1997.

PROGRAMA Nº 3

PARTIR DA REALIDADE DO ALUNO O QUE É ISSO?

Quem já não ouviu a professora dizer "é preciso partir da realidade do aluno" ?

Essa fala (como tantas outras) parece que reproduz os discursos pedagógicos em moda, mas sem nenhuma garantia de assegurá-los na prática de sala de aula. A distância entre o discurso e a prática, nesse caso, provavelmente se deve à própria dificuldade da professora em definir o que é realidade do aluno. Para muitas, significa dizer algumas características genéricas (sempre negativas, ou quase sempre) sobre os seus alunos:

- não têm informação;
- faltam muito;
- vivem na miséria, são muito carentes;
- trabalham e por isso estão sempre cansados na aula.

Inicialmente é preciso perguntar:

POR QUE FALTAM? POR QUE PRECISAM ESTUDAR À NOITE? POR QUE VIVEM NA MISÉRIA?

Se formos compreender essas razões, veremos que existe uma sociedade marcada pela desigualdade entre os seus diferentes grupos sociais. Para uns é reservado o acesso à educação, à saúde, à habitação, ao trabalho. Para outros, a exclusão. Os recentes dados do IBGE (1994)¹ revelam o lado perverso dessa sociedade, onde os nossos alunos do curso noturno pertencem ao grande contingente dos mais desfavorecidos:

- 31 milhões de jovens vivem em estado de pobreza, ao lado da juventude miserável que soma 17 milhões;
- 7 milhões da totalidade dos nossos jovens (12%) têm um trabalho re-

gular e destes só 33,5% dispõem de carteira de trabalho assinada;

- para 66% dos jovens que trabalham a jornada excede 40 horas semanais, enquanto o ganho mensal fica em torno de meio salário mínimo. (Jornal do Brasil, 19/12/90).

Somam-se a esses dados depoimentos cada vez mais frequentes de professoras quanto:

- à mudança do perfil do aluno trabalhador - desempregados e subempregados;
- à violência que ronda a escola - relações do tráfico de drogas com os alunos, assassinatos e estupros.

Para manter a lógica da exclusão, a sociedade precisa criar idéias que distorçam essa realidade cruel, passando a imagem de uma sociedade justa. Nada mais sensato do que transformar as vítimas (os excluídos) em culpados. Para isso, se criam simbologias, mitos e outros mecanismos de culpabilização. As propagandas de televisão passam a imagem de uma sociedade sem conflitos, onde tudo é possível, desde que você queira. É tudo uma questão de vontade. A escola oferece todas as oportunidades, mas os alunos não aproveitam ... Ascender a um cargo de decisão exige muitos pré-requisitos: domínio da linguagem culta, boa aparência. Os ditos populares do tipo: "branco correndo é atleta; negro, é ladrão", reforçam a imagem do marginalizado.

Com toda essa simbologia, não é à toa que as pessoas excluídas acabam introjetando a culpa pelas suas precárias condições de vida. Como nossos alunos estão incluídos nesse grupo, é possível identificar essa imagem que têm de si mesmos, quando falam:

- "não adianta, tenho cabeça dura para aprender";
- "falar na frente de todo mundo? Não, fala a senhora que sabe falar!";
- "mereci ser reprovado, não estudei..."

Como vemos, esse é um primeiro esforço para conhecer a realidade objetiva e coletiva de nossos alunos, que está marcada pelas condições de classe, de sexo, de raça.

Entretanto, há uma outra realidade subjetiva (emoção, afeto, desejos) e singular, porque é a maneira pela qual cada um vai reagir às condições impostas pelo contexto mais amplo.

Isso significa estabelecer um outro "olhar" para o nosso aluno. Procurar conhecer o que ele tem a nos dizer, os sentidos que vai atribuindo à sua existência e história de vida. Quem sabe, começar por você, professor e depois, com seus alunos, a fazer os seguintes questionamentos:

O QUE O SEU ALUNO PENSA SOBRE A VIOLÊNCIA, A SEXUALIDADE, O AMOR? POR QUE PROCUROU A ESCOLA? COMO FOI SUA HISTÓRIA DE VIDA?

Talvez estas questões nos surpreendam, porque temos tendência a construir uma idéia genérica sobre os nossos alunos e, é claro, com a nossa visão de classe, de valor, sem sequer ouvi-los no que têm a dizer.

Percebê-los nas suas diferenças, enquanto pessoas, não costuma ser uma prática habitual. Surpresa maior poderá ocorrer, quando forem criadas situações onde os alunos possam expressar suas idéias. Estas poderão surgir, sem que você jamais pensasse serem eles capazes de elaborá-las.

Para ilustrar o conhecimento da realidade do aluno, na sua dimensão subjetiva, vejamos o relato da experiência de uma professora:

"Depois de ler com os alunos o livro de Roseana Murray - *Retratos*, sugeri que selecionassem, dentre as fotografias deles, ou da família, aquelas que mais significado tinham para eles. A partir daí, deveriam produzir um texto, revelando os sentidos atribuídos àquelas imagens. Quanta coisa tinham para dizer..."

A Joana, por exemplo, revelou que a sua primeira fotografia foi tirada aos 17 anos, quando recebeu o seu primeiro salário.

¹ IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, 1990. Dados Brasil: V. XIV. nº. 1. Rio de Janeiro: IBGE, 1994.

O Robson também escolheu a única fotografia que tinha. Foi quando entrou para a escola.

A Cléia trouxe a fotografia dos pais, que moram distante e que nunca mais pôde visitá-los...

Essa, sem dúvida, foi uma experiência emocionante. Quanta coisa descobri de meus alunos..."

Pode parecer que essas vivências dos alunos para muitos não diga nada. São só fotografias, diriam. E para os alunos? O que pode significar não ter o registro de quando eram bebês, crianças? Como seriam? Qual o valor, para a Cléia, de ter na fotografia o seu único elo com entes tão queridos? O que pode representar para auto-estima desses alunos o fato de terem alguém (a professora) que se interessa pelas suas histórias de vida?

A esse depoimento se somam outros que permitem identificar histórias dramáticas, como a daquela aluna que foi estuprada pelo próprio irmão. Ou, então, histórias cujas personagens (alunos e alunas) vão construindo suas felicidades, através de religiões, música, do amor, do trabalho, ou seja, de produção da vida humana.

Se você optar por construir na sua sala de aula um espaço de interlocução com e seus alunos (onde todos têm alguma coisa a dizer), descobrirá que eles vivem situações e momentos diferentes de vida:

- o rapaz que vai para a escola, porque tem vergonha de dizer para a namorada que é analfabeto;
- a dona-de-casa, porque é o único momento em que se vê livre dos afazeres domésticos;
- a moça, pois precisa encontrar os seus pares (falam igual, pensam e se comportam de forma semelhante), tão diferentes dos seus padrões;
- a menina que quer aprender a escrever carta para o namorado;
- o senhor que quer continuar os estudos...

Uma outra forma de compreender a realidade do aluno diz respeito ao conhecimento que ele traz para a escola.

Sereconhecemos que nossos alunos detêm uma experiência de vida, construída nas suas relações com o trabalho, a família, a vizinhança, os amigos é natural que reconheçamos o saber aí construído (fruto da experiência vivida). Além do mais, é preciso construir saber, para sobreviver a tantas dificuldades: para comprar, para não ser enganado pelo patrão, para não chegar atrasado, para comer, para trabalhar, para decidir. Nessa luta do dia-a-dia desenvolve, por exemplo, uma série de raciocínios matemáticos (comparar, categorizar, agrupar). Ao mesmo tempo, vão fazendo suas leituras de mundo, que é uma forma de compreendê-lo - ainda que parcialmente.

Finalmente, considerando que o seu aluno vive em uma sociedade letrada, propomos os seguintes questionamentos:

VOCÊ ACREDITA QUE O SEU ALUNO ANALFABETO CONSTRUÍU ALGUM CONHECIMENTO SOBRE A LÍNGUA ESCRITA, ANTES DE ENTRAR PARA A ESCOLA? QUE TIPO DE CONHECIMENTO?

Segundo FERREIRO (1983)², é preciso evitar a visão simplista de que o adulto analfabeto não tem nenhum conhecimento da língua escrita. Isso porque supõe que entre o "não-saber" e o "saber" não exista nenhum conhecimento intermediário sobre o sistema alfabético da escrita e seu funcionamento. Essas pessoas não só lêem algumas palavras do seu cotidiano (nome de ruas, de produtos comerciais, de ônibus), como também têm uma percepção das possibilidades combinatórias das letras.

Muitos já sabem identificar a estrutura do texto de carta, de bilhete, de história, de receita culinária, de bula de remédio (basta que leiam para eles).

Um outro conhecimento diz respeito à direção da escrita: da esquerda para a direita (os árabes usam a direção inversa); de cima para baixo.

Enfim, se forem estimulados a escrever alguma coisa, muitos serão capazes de "quase" acertar, ou até mesmo relacionar uma série de palavras que conseguem ler.

Partir da realidade do aluno... agora já sabemos o que é isso. O conhecimento do aluno é, sem dúvida, ponto de partida para a construção de novos conhecimentos.

Profª Wanda Medrado Abrantes

BIBLIOGRAFIA

FERREIRO, E. *Reflexões sobre Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1991.

TEVES, N. (org.) *O Imaginário Social e Educação*. Rio de Janeiro: Grijó, 1992.

TEXTO COMPLEMENTAR

RIOS, R. *No Coração da Letra*. In: *Almanaque do Aluá*, Rio de Janeiro: Sapé, 1993. pp.50-51.

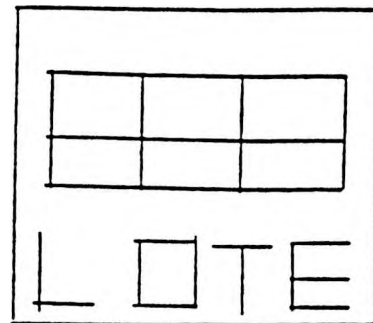
²FERREIRO, E. *Los Adultos no Alfabetizados y sus conceptualizaciones del Sistema de Escritura*. México: IPN - Centro de Investigación y Estudios Avanzados, 1983

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

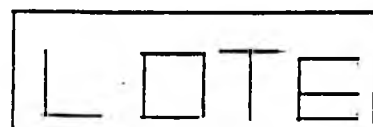
PASSOS METODOLÓGICOS NA ORIENTAÇÃO DO CÍRCULO DE CULTURA

1º - Apresentação da situação existencial, fixando-se na figura em cartaz

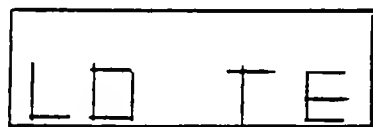
2º - Descodificação da situação existencial, através do diálogo entre o coordenador e os alfabetizandos e estes entre si. Ao final do debate o coordenador lê identificando a palavra-geradora no cartaz. O coordenador dispõe do roteiro "aberto" e da orientação prática.



3º - Visualização da palavra geradora em sílabas, em letras tipográficas.



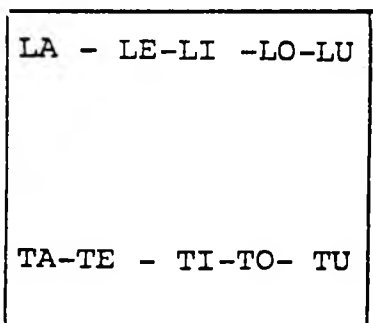
4º - Decomposição da palavra geradora em sílabas, também em letras tipográficas.



5º - Nova decomposição da palavra geradora em sílabas, em letras tipográficas.



6º - Visualização das famílias fonêmicas que compõem a palavra geradora onde os alfabetizandos fazem o reconhecimento das sílabas da palavra visualizada.



7º - Leitura para fixação das famílias fonêmicas através da qual é possível observar as diferenças no início e no final das sílabas e o reconhecimento das vogais, última etapa do processo analítico.

8º - Formação de palavras novas pela decomposição das famílias fonêmicas, iniciando o processo de síntese oral e ocasionando a aprendizagem do mecanismo de nossa língua pela função de sílabas.

9º - Escrita da palavra geradora e das famílias fonêmicas (entrega da ficha de descoberta individual).

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

06

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

ROTEIRO DO RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO CÍRCULO DE CULTURA

PALAVRA-CHAVE: _____

Turma: _____ Data: _____ Horário: _____

01- Descrever dos passos metodológicos.

02- Copiar todas as palavras descobertas:

- do dia anterior.

- no próprio dia de apresentação da palavra chave

03- Registrar observações sobre:

3.1. Reações dos alfabetizandos, enquanto pessoas.

3.2. Expressões verbais e/ou escritas.

3.3. Dificuldades dos alfabetizandos.

3.4. Dinâmica do grupo.

3.5. Coordenador- desempenho.

04 - Impressões pessoais e sugestões.

ATENÇÃO: Este relatório deverá ser entregue e discutido conjuntamente na reunião de ____/____/____ ÀS _____ horas.

DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO DE PESSOAL

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS SERVIDORES DO GDF

ROTEIRO DO RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO CÍRCULO DE CULTURA

PALAVRA-CHAVE: _____

Turma: _____ Data: _____ Horário: _____

01- Descrever dos passos metodológicos.

02- Copiar todas as palavras descobertas:

- do dia anterior.

- no próprio dia de apresentação da palavra chave

03- Registrar observações sobre:

3.1. Reações dos alfabetizandos, enquanto pessoas.

3.2. Expressões verbais e/ou escritas.

3.3. Dificuldades dos alfabetizandos.

3.4. Dinâmica do grupo.

3.5. Coordenador- desempenho.

04 - Impressões pessoais e sugestões.

ATENÇÃO: Este relatório deverá ser entregue e discutido conjuntamente na reunião de ____/____/____ ÀS _____ horas.

7

I ENCONTRO PRÓ-ALFABETIZAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL
GTPA/DF - GRUPO DE TRABALHO PRÓ-ALFABETIZAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA-DF, 16, 17 E 18 DE FEVEREIRO DE 1990
AUDITÓRIO DA FACULDADE DE TECNOLOGIA DA UnB.

O Grupo de trabalho Pró-Alfabetização do Distrito Federal GTPA/DF resultou da iniciativa de representantes da Fundação Educar, Universidade de Brasília e Secretaria de Educação/Fundação Educacional do Distrito Federal com o objetivo de, à luz dos dispositivos constitucionais e das experiências existentes, discutir e formular um Programa de Ação, no âmbito do Distrito Federal, com vistas ao Ano Internacional da Alfabetização - 1990.

Por entender que o problema do analfabetismo deve ser objeto da ação conjunta Governo/Sociedade Civil, o Grupo ampliou-se progressivamente com a participação de pessoas ligadas a diferentes organizações (governamentais, não governamentais, sindicais, empresariais, populares, estudantis), também comprometidas na prática com alfabetização de crianças, jovens e adultos no Distrito Federal. Em 20 de outubro de 1989 constituiu-se o GTPA/DF como grupo autônomo e aberto, reconhecido como "convidado permanente" na Comissão Nacional do Ano Internacional da alfabetização (CNAIA/90).

O GTPA/DF, de imediato, propôs a realização deste Encontro como desencadeador de um processo de mobilização no Distrito Federal sobre a alfabetização de crianças, jovens e adultos, demonstrando na prática o cumprimento integral dos objetivos previstos, ou sejam:

1. Informar à comunidade do Distrito Federal sobre os motivos da instituição do ano de 1990, pela UNESCO, como Ano Internacional da Alfabetização.
2. Buscar a participação integrada de Entidades da Sociedade Civil e Governo na questão da alfabetização.
3. Mobilizar pessoas e Instituições para um engajamento efetivo na problemática da erradicação do analfabetismo do DF.
4. Coletar elementos para configuração de um plano de trabalho, com vistas ao desencadeamento de ações a partir de 1990.

Com cerca de 300 participantes, é significativo registrar que estes representavam 53 entidades entre instituições governamentais, organizações não governamentais, nacionais e estrangeiras, empresas, sindicatos, organizações populares, organizações estudantis de 2º e 3º graus, movimentos sociais, abrangendo Plano Piloto, Ceilândia, Guará, Cruzeiro, Taguatinga, Sobradinho, Gama, Planaltina, Núcleo Bandeirante, Paranoá, Samambaia e região do entorno.

As atividades programadas neste Encontro contemplaram conferência e painéis, que alimentaram debates e propostas nos grupos de trabalho e plenárias. Contribuíram para as reflexões:

- a conferência do Prof. Sérgio Haddad, Secretário Geral do CEDI, sobre o Ano Internacional da Alfabetização/90;
- o painel sobre "A realidade do analfabetismo do DF", composto pelas professoras Carmem Moreira de Castro de Neves e Nilcéa Lopes Lima dos Santos, técnicas da Fundação Educar;
- a palestra do Professor Venício Arthur de Lima da Universidade de Brasília, sobre "Os meios de comunicação e o preconceito contra o analfabetismo", e o painel sobre o mesmo tema que contou com a contribuição do Presidente do Sindicato dos Radialistas, Francisco Pereira, e da Professora Laura Maria Coutinho;
- o painel sobre "A contribuição da Sociedade Civil na erradicação do analfabetismo", composto por Benício Tavares (Presidente da Associação dos Deficientes Físicos de Brasília), Norberto Chemim (Serviço Paz e Justiça), Valéria Oliveira (Movimento Nacional de Defesa dos Direitos Humanos), Daurinéia Gonçalves Rezende (Comissão do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos de Sobradinho) e Francisca Nicásio Moreira (Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá - CEDEP).

Como resultado dos grupos de trabalho, nos quais os participantes do Encontro empenharam-se de forma bastante

I ENCONTRO PRÓ-ALFABETIZAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

Comprometida, foram apresentadas propostas sob as quais se pronunciaram formalmente: Senador Pompeu de Souza, representante da Comissão do DF no Senado Federal, Professor Antonio Ibañez Ruiz, Reitor da Universidade de Brasília, Professora Rosina Barreto França, Coordenadora Adjunta da Fundação Educar/DF, Professora Cordélia Marra, Diretora de Ensino do 1º grau da FEDF, Professor Jorge Luiz, Diretor do Sindicato de Professores do DF - SINPRO.

PROPOSTAS FINAIS

Viabilização política de erradicação do analfabetismo no Distrito Federal

No que se refere:

- 1- Ao papel da Sociedade e do Estado;
- 2- Ao papel da Universidade e dos sindicatos;
- 3- À atuação dos Parlamentares;
- 4- Aos recursos financeiros;
- 5- Ao estudo conceitual de alfabetização;
- 6- Ao dimensionamento da questão do analfabetismo;
- 7- À formação do alfabetizador (Escolas Normais/2º e 3º graus);
- 8- À ação do sistema oficial de ensino (FEDF);
- 9- À organização da ação.

1º - Ao papel da Sociedade e do Estado

- Alfabetização de crianças, jovens e adultos, enquanto democratização do ensino será resultante da participação da sociedade organizada, que para tal deve ser conscientizada, adquirindo força para exigir o que é seu direito.
- Alfabetização é obrigação constitucional do Estado, que deve ser pressionado no cumprimento da erradicação do analfabetismo em 10 anos (Art. 60 - Disposições Transitórias), através de conselhos representativos, emendas populares e outras formas de organização da sociedade.

I ENCONTRO PRÓ-ALFABETIZAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

- Vigilância às propostas privatizantes do governo que se instala e cobrar do Estado o compromisso com a educação pública.
- Conhecimento e interferência nas políticas educacionais a nível federal, estadual e municipal para que haja uma maior explicitação e disseminação dessas políticas, de forma a garantir sua continuidade, e dos programas que demonstrem resultados consequentes na área da alfabetização.

2º - Ao papel da Universidade e do Sindicato

- Investimento maior por parte das Universidades no processo educativo, através de pesquisas e projetos em conjunto com a comunidade, direcionando mais para o aspecto da alfabetização.
- Compreensão por parte dos sindicalizados que, o sindicato não é só a direção, somos todos nós para reivindicar e pressionar o Estado.
- Necessidade de maior cobrança ao sindicato no sentido de que também sejam relevantes os problemas pedagógicos; e que os professores devem levar este problema às regionais.

3º - À atuação dos parlamentares

- Comprometimento expressivo dos parlamentares nas questões referentes à educação.
- Regulamentação, por lei, da responsabilidade que as empresas devem assumir quanto à alfabetização de seus funcionários e familiares.

4º - Aos recursos financeiros

- Cobrança dos recursos financeiros constitucionalmente garantidos para educação pública, de forma a viabilizar o processo de alfabetização do país, e exigir a transparência da aplicação dos re

I ENCONTRO PRÓ-ALFABETIZAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

cursos públicos.

- Distribuição de verbas para a educação com maior comprometimento do Ministério da Educação, Secretaria de Educação e órgãos do governo ligados à educação.
- Reivindicação de apoio financeiro e compromisso político de empresas privadas e órgãos públicos para realização dos trabalhos de alfabetização.

5º - Ao estudo conceitual de alfabetização

- Necessidade de que o conceito e o processo de alfabetização sejam discutidos e compreendidos por todos que estão envolvidos neste processo.
- Realização de estudos sobre o conceito de alfabetização, uma vez que o mesmo, vai além da apropriação dos códigos de leitura e escrita, relacionando-se também com a compreensão política que as pessoas têm do mundo, que a cerca e das relações de trabalho que as oprimem.
- Necessidade de aprofundamento das implicações sócio-econômico-político e culturais do analfabeto enquanto eleitor.

6º - Ao dimensionamento da questão do analfabetismo

- Elaboração de um levantamento de dados que identifiquem quem são e onde estão os analfabetos no DF e entorno.
- Levantamento do número de analfabetos nas empresas, nos órgãos públicos e de servidores públicos.
- Levantamento na escola, de forma sistemática, através das fichas de matrículas de alunos para verificação do número de pais analfabetos.
- Identificação e integração das entidades públicas e da sociedade

I ENCONTRO PRÓ-ALFABETIZAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

civil no sentido de se ter dados reais, efetivos e consonantes com a realidade do Centro-Oeste do País.

- Elaboração e viabilização, diante do quadro do número de anal¹fabetos, de propostas de alfabetização no DF.

7º - A formação do alfabetizador

- Compromisso fundamental na capacitação do alfabetizador por parte das instituições de ensino formal, da Fundação Educacional, da Universidade, dos sindicatos, bem como de entidades interessadas.
- Organização das entidades para elaborar projetos que garantam financiamento e a continuidade de ações, permitindo um trabalho de orientação teórico metodológica para atualizar e aperfeiçoar profissionais de educação na alfabetização.
- Profissionalização do alfabetizador deverá considerar a sua preparação para o trabalho com crianças, jovens e adultos.
- Reciclagem dos professores que trabalham com cursos de formação de professores. A evasão dos alunos muitas vezes está relacionada a esta falta de capacitação.
- Reestruturação dos currículos de formação de magistério para séries iniciais de 1º grau, com ênfase na alfabetização de crianças, jovens e adultos e sua adequação à realidade, objetivando maior capacitação do normalista.
- Reorientação do 2º e 3º graus, para formação linguística aplicada à alfabetização (fonética/fonologia, ortografia, morfologia, e outros conhecimentos sobre a língua portuguesa).

8º - A ação do sistema oficial de ensino

- Redefinição da proposta pedagógica da educação de jovens e a

I ENCONTRO PRO-ALFABETIZAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

dultos.

- Participação direta dos professores e comunidade na elaboração de planos e definição de metas.
- Inclusão, nos concursos públicos, de testes de aptidão para o exercício da atividade do magistério no nível de 1ª a 4ª série.
- Desenvolvimento de uma política de valorização do professor alfabetizador através: da extensão a todos os professores alfabetizadores, do horário existente nos Centros de Alfabetização e Escola de aplicação; do estabelecimento de incentivos específicos no Plano de Cargos e Salários; do estabelecimento de critérios e exigências mais profissionais no encaminhamento de professores para as classes de alfabetização.
- Integração entre o órgão executor do ensino no DF, professores, alunos, comunidade e outras entidades no processo educacional.
- Reconhecimento, engajamento e comprometimento com as iniciativas de alfabetização desenvolvidas por movimentos populares.
- Adoção de uma política de recursos humanos que contemple a possibilidade de escolaridade básica, de todos os seus servidores.
- Revisão dos procedimentos meramente administrativos, de forma a não comprometer os aspectos pedagógicos.

9º - A organização da ação

- Criação, nas escolas, de grupos de estudo, envolvendo diretor, professores, funcionários e comunidade em geral, com vistas ao debate, à análise e busca de soluções para os problemas da própria comunidade; no que se refere à alfabetização.
- Criação de grupos de trabalho nas cidades satélites para conhe

I ENCONTRO PRÓ-ALFABETIZAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

cimento e enfrentamento da questão do analfabetismo na localidade.

- Promoção de exposições, debates, encontros para denúncia, estudo e aprofundamento da questão do analfabetismo no DF.
- Inserção dos sindicatos nos debates referentes à alfabetização.
- Pressão junto aos parlamentares nas questões relativas à educação, tendo em vista a Constituinte do DF.
- Utilização dos meios de comunicação para divulgação do problema do analfabetismo e das propostas de solução.
- Formulação de um projeto que envolva toda a sociedade.
- Criação de cursos específicos para preparação de alfabetizadores de jovens e adultos.
- Priorização efetiva e concreta da educação.
- Viabilização das propostas apresentadas no I Encontro Pró-Alfabetização no DF.

Apreciando as propostas finais deste Iº ENCONTRO PRÓ-ALFABETIZAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL, o GTPA/DF as compreende no contexto de um esforço inicial fruto da ação conjunta do governo/ sociedade civil, objetivando a erradicação do analfabetismo na capital do Brasil, neste Ano Internacional da Alfabetização.

Identificando a necessidade de aprofundamento e amadurecimento das referidas propostas, o GTPA/DF, reafirmando seu caráter de grupo autônomo e aberto, espera continuar recebendo o apoio dos participantes deste Iº ENCONTRO, assim como novas contribuições na consolidação e implementação de ATOS e FATOS pró-alfabetização do Distrito Federal.

GETA/DF - Telefones para contatos:

UnB - Decanato de Extensão - 272.0194
Faculdade de Educação - 273.5334
Fundação Educar/DF - 273.9090
Fundação Educacional do DF - 274.3762
Sindicato dos Professores do DF - 321.5678

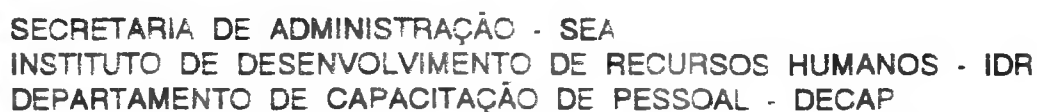
No Distrito Federal as crianças
expulsas da escola ontem
são os jovens e adultos analfabetos hoje!

ESTEJA LIGADO:

28/março - Dia Nacional de Mobilização pela Alfabetização
(iniciativa do GETA - SP)

19, 20 e 21/abril - Congresso Brasileiro de Alfabetização
(promoção da Prefeitura de São Paulo/GETA-SP)

21/abril - Dia Nacional de Mobilização pela Alfabetização
(iniciativa da Comissão Nacional - AIA/90)



Coordenador: **Início:**

Local: **Término:**

FICHA DE MATRÍCULA Nº

Nome:

Endereço: Ocupação:

Estado Civil: **Idade:** **Data de Nascimento:**/...../.....

Renda Familiar:

Moradia: Própria () Cedida () Alugada ()

SITUAÇÃO ATUAL

Órgão que trabalha:

Setor: **Matricula:**

Cargo que ocupa:

Data de admissão:/...../.....

HISTÓRICO OCUPACIONAL

[illegible]

QUADRO FAMILIAR
(RESIDE NO MESMO DOMICÍLIO)

[illegible]

EXPERIÊNCIA COM ESCOLA

Frequêntou escola quando criança? O que aprendeu?

EXPERIÊNCIA ASSOCIATIVA

Tem participação em movimentos reivindicatórios?

RELIGIÃO

Qual a sua religião?

Que tipo de participação?

EXPERIÊNCIA DE TELESPECTADOR

Tem televisão em casa?

Qual o programa que mais gosta de assistir?

Qual o horário:

Frequência: () Diária () Sábado () Dia () Domingo

OPINIÕES

Você acha que há vantagens em saber ler e escrever por quê?

Você acha que o estudo pode modificar a vida das pessoas? Por que?

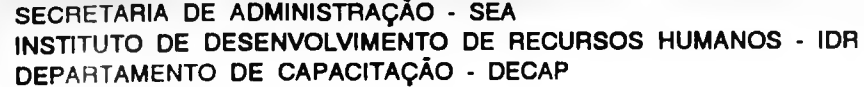
Você acha que o analfabeto deve votar? Por que?

Data:/...../.....



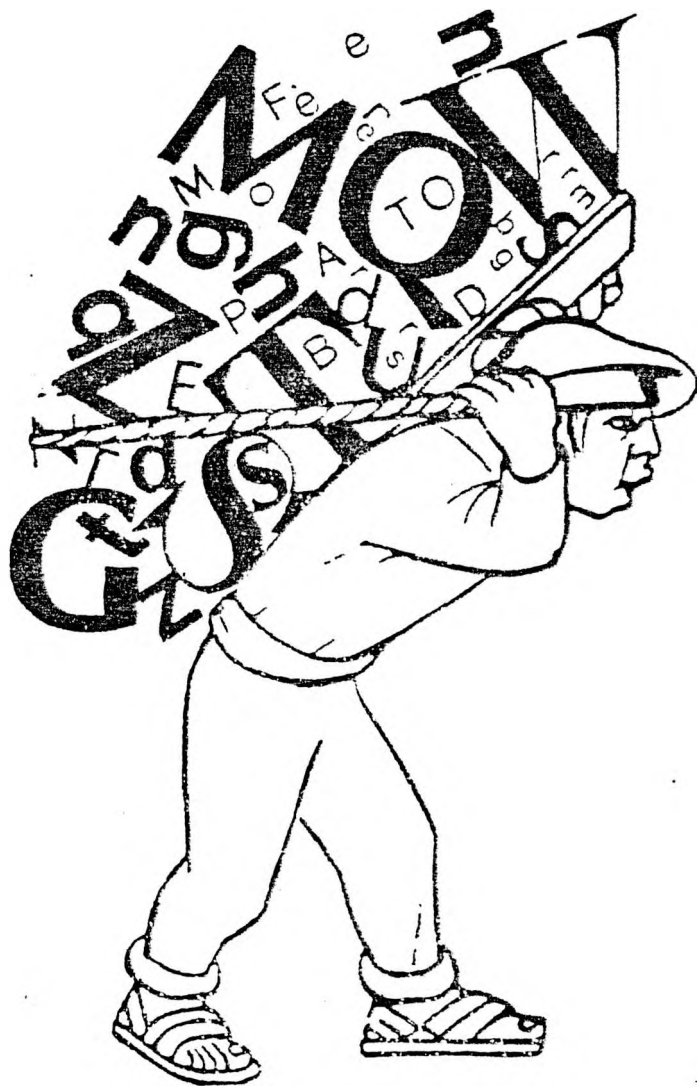
PARTE	DISCIPLINA
-------	------------

GRAFK 01/SEGRAF

[illegible]

Alfabetização, uma questão...

Vera Barreto



Texto comparativo: Paulo Freire e Emília Ferreira

Um exemplo disto, é que não basta ser alfabetizado para se conseguir um bom emprego ou mesmo para se compreender tudo que está escrito. Ao contrário, o que se vê é que a maior parte das pessoas alfabetizadas só usa a escrita no nível mais superficial do uso diário.

Além disso, raramente estas pessoas escrevem, pois o uso da escrita neste nível está muito mais direcionado para a leitura (ordens, orientações) do que para a escrita. Escrever para que, se tudo já vem pronto ? A escrita quando se dá, fica nos bilhetinhos, contas, cartas.

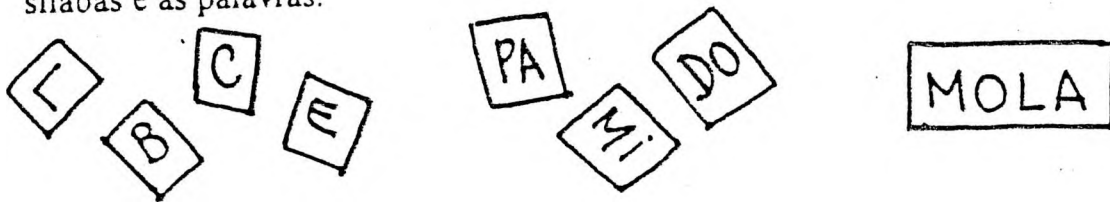
E qual seria o outro nível ? Exatamente aquele que traz toda uma informação, todo um saber produzido em determinados espaços sociais (por exemplo : a ciência, a política, a crítica...) E, para alcançar este saber é preciso vivenciar o texto, conhecer sua organização, a própria maneira como ele se faz, isto é, entrar "no mundo da escrita".

Alfabetizar , assim , mais do que instrumentar o indivíduo para algumas ações do seu dia a dia, é permitir a sua entrada no mundo da escrita, da reflexão crítica e do uso real da língua escrita.

Vamos ver como isto foi acontecendo:

Desde a Antiguidade até o século XVIII, a alfabetização partia da crença que primeiro se deve aprender as letras, depois as sílabas, palavras, frases e finalmente o texto.

Esta forma de alfabetizar estava baseada na idéia que primeiro se aprende o que é mais simples para depois se chegar ao que é mais complexo. E, as pessoas preocupadas com o ensino da escrita imaginavam que as letras eram mais simples que as sílabas e as palavras.



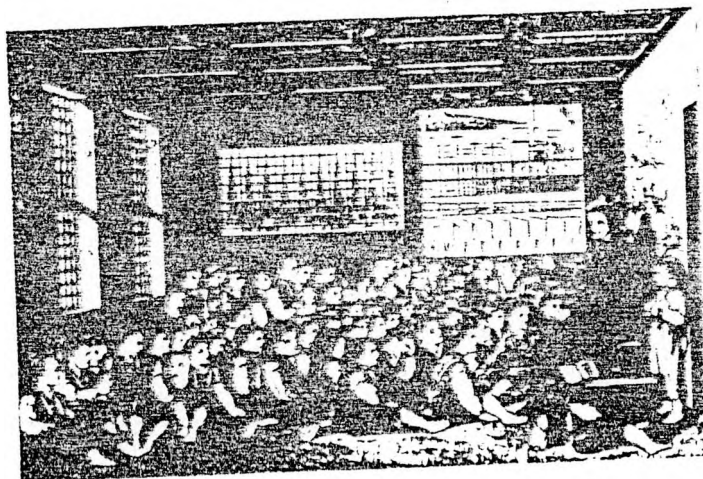
Outra idéia forte, nesta época, era a de que a aprendizagem parecia uma soma onde os novos conhecimentos iam se unindo aos antigos.

letra + letra = sílaba
b + a = ba

sílaba + sílaba = palavra
ca + ju = caju

A idéia de ir do mais simples para o mais complexo continuou ainda por muito tempo, sofrendo mudanças, apenas em relação ao que era considerado como sendo o mais simples.

No começo, o que se considerava mais simples eram as letras ou o ABC. Naqueia época, só depois de aprendidas as letras é que se começava a ensinar a união de uma consoante a uma vogal.



--No século XVIII, surgiu uma nova proposta para a alfabetização. De acordo com esta proposta, não era mais necessário ensinar que $b + a = ba$, mas era possível ensinar diretamente o "ba".
Mas esta e outras mudanças que aconteceram foram pouco significativas porque as idéias centrais continuaram a ser as mesmas.

Os métodos de alfabetização, como os primeiros que foram usados, que partem da aprendizagem das unidades mais simples para só depois chegar às unidades mais complexas, são chamados de métodos sintéticos.

Perto do ano de 1800, um autor de metodologia chamado Nicolas Adam propôs uma forma diferente de ensinar a escrita.

Para explicar melhor as suas idéias, Adam fazia uma comparação. Ele dizia:

"quando alguém quer ensinar para uma criança o que é um casaco, não imagina começar mostrando separadamente a gola, a manga, os botões. O que ela faz é mostrar o casaco por inteiro e dizer que aquilo é um casaco." Adam com esta comparação estava criticando os métodos sintéticos. Ele, também, estava dizendo que da mesma forma que as crianças aprendiam a falar elas poderiam aprender a ler. Um novo caminho estava nascendo para a alfabetização. Nele o ponto de partida seriam as frases ou palavras.

Nesta nova proposta, ler se tornava algo mais que decifrar porque o sentido do texto foi valorizado.

Adam dizia que as crianças deviam aprender a ler trabalhando com palavras significativas para elas. Dizia também, que só depois de conhecidas, as palavras deviam ser analisadas nas suas partes: sílabas e letras.

Adam até que teve boas idéias. Pena, que na época não havia uma teoria de aprendizagem capaz de dar sustentação a todas suas idéias!

Os métodos de alfabetização, como o proposto por Adam, que partem de um todo maior (palavra ou texto), para depois analisar as suas partes são chamados métodos analíticos.

Pouco depois do aparecimento do método analítico começaram a surgir práticas de alfabetização que uniam características dos métodos analíticos e sintéticos. Estes métodos partiam de textos mas enfatizavam o trabalho com as sílabas e mesmo letras.

A ênfase, que continuou existindo, no estudo das sílabas mostrava que as mudanças continuavam superficiais e não alteravam o significado da alfabetização: a idéia de que alfabetizar é dotar o alfabetizando de um sistema de transcrição da fala continuava vivo.

Entretanto, todo este esforço para a memorização de sílabas e palavras não foi capaz de garantir a alfabetização.

No nosso século, mais precisamente a partir dos anos 50, novas idéias começaram a surgir em relação a alfabetização. Uma destas idéias apareceu no nordeste brasileiro com os trabalhos de Paulo Freire.

Alguns anos depois, os fracassos ocorridos na alfabetização, principalmente junto à população mais pobre, despertaram a atenção de diferentes áreas do conhecimento relacionadas com a questão. Assim, a "nova linguística", a sócio - linguística, a psicologia da aprendizagem e especialmente os trabalhos de pesquisa de Emília Ferreira trouxeram para a alfabetização um novo significado.

O domínio da escrita deixou de ser considerado apenas como uma transcrição da fala para ser compreendido como um conhecimento de ordem conceitual. Em outras palavras, ler e escrever deixou de se limitar ao mero agrupamento de letras e sílabas para consistir na junção destas letras segundo regras que foram sendo estabelecidas pela sociedade humana ao longo de sua história, para permitir a comunicação pelo código escrito. E, enquanto estas regras não se tornam parte do conhecimento de quem se alfabetiza, ele não domina a escrita, mesmo que, conheça de memória todas as letras e todas as sílabas.

A contribuição de Paulo Freire

Paulo Freire, nos anos 50, um pouco conhecido professor universitário pernambucano, tendo contato com as áreas de pobreza do Recife percebeu que o analfabetismo impedia a participação na vida nacional de uma parcela significativa de pessoas que por não ler e escrever estavam impedidas de votar.

Mas, a garantia da democracia não estava só em poder votar. Estava também, no entendimento da realidade e no compromisso de torná-la mais justa e humana.

Este foi o desafio a que se lançou Paulo Freire. E nesta busca Freire afirmou os pontos que iriam marcar a sua pedagogia:

** Todas as pessoas têm conhecimentos.*

Freire afirma que os homens e as mulheres vivendo no mundo são constantemente desafiados por ele. Em resposta a estes desafios, as mulheres e os homens reagem, pensam, criam idéias, testam possibilidades, produzem conhecimentos.

Estes conhecimentos constituem pontos de partida para a produção de novos conhecimentos.

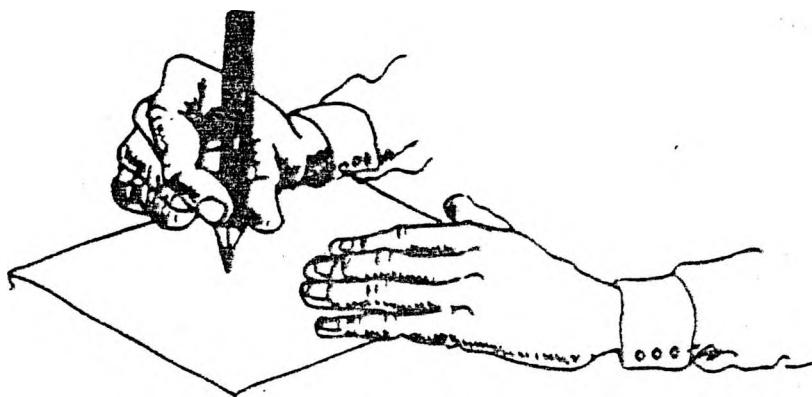
Sendo assim, quando os educandos se dirigem a uma escola, não se encontram "vazios", como muitas vezes a escola parece acreditar.

Eles levam os conhecimentos que construíram na sua relação com a sua realidade e com as outras pessoas. Ao mesmo tempo, estes conhecimentos são as portas de entrada para as novas descobertas.

Suas idéias vem influenciando grupos sindicais na Itália, militantes do movimento negro nos Estados Unidos, jovens artistas no Japão, revolucionários em El Salvador, teólogos da libertação , etc.

Isto não quer dizer, que sua significação no campo da alfabetização seja pequena. Freire marcou definitivamente a história da alfabetização, quando:

- considerou o analfabeto adulto como produtor de cultura e conhecedor de sua realidade;
- afirmou que não se separa a escrita da palavra do seu significado;
- enfatizou que é preciso ler o contexto (a circunstância , o que está em volta) para entender o texto,
- mostrou a importância de se trabalhar na alfabetização com temas do universo dos alfabetizandos;
- provou que é possível uma alfabetização sem cartilhas , cópias e repetição;
- colocou o analfabetismo entre os problemas gerados pela estrutura injusta da sociedade e portanto só possível de uma solução definitiva com o fim desta estrutura;
- entendeu que a alfabetização pode contribuir para a superação esta realidade opressora.



A contribuição de Emília Ferreiro

Mais uma vez, surgiu na América Latina, uma importante contribuição para a questão da alfabetização. É evidente que esta coincidência tem seus motivos: o analfabetismo e as dificuldades no processo da alfabetização sempre foram maiores nas regiões mais pobres, como na nossa América do Sul.

Emília Ferreiro é uma psicolinguista argentina, radicada no México, com um importante papel na história da alfabetização. Nos seus trabalhos de pesquisa, Ferreiro buscou entender como se aprende a língua escrita. Ela tinha como objetivo ajudar o alfabetizador a intervir de modo mais eficaz, junto aos seus alfabetizandos.

Trabalhando nesta perspectiva, Emília Ferreiro inverteu o eixo dos estudos realizados antes dela. Isto porque, até então, todos os trabalhos estavam voltados para a discussão do como se ensina a ler e escrever e ela descolou esta preocupação para a de como se aprende a ler e escrever.

Com esta inversão, surgiram novas e significativas considerações, como:

** A alfabetização não começa na escola.*

Além disto, a fala conta com recursos próprios : o tom de voz, a entoação, o ritmo com que se fala.

Na escrita, com a ausência do leitor, as orientações vêm do próprio autor. É do próprio escritor a pista sobre o quê e como expressar.

A escrita, embora mais lenta que a fala, permanece e pode ser revista e modificada. As palavras e frases podem assim, ser trocadas por outras mais adequadas aos objetivos de quem escreve.

** É escrevendo que se aprende a escrever.*

As crianças e os adultos se alfabetizam no contato com muitos textos e evidentemente muitas palavras e letras porque este contato permite a eles estabelecer idéias (hipóteses) sobre a forma de como se escreve.

Quanto antes o alfabetizando começar este trabalho de contato com a escrita maior a possibilidade dele se alfabetizar.

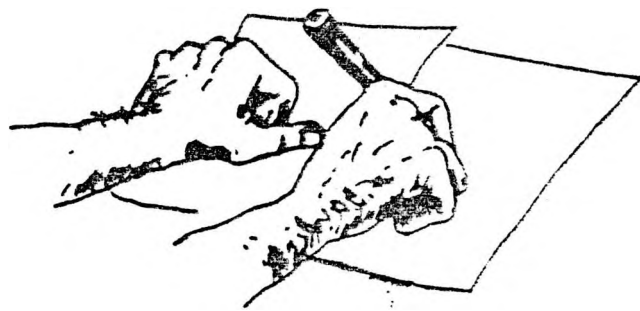
Contrariamente ao que acontecia nos métodos tradicionais que iam introduzindo as letras e sílabas de um modo linear e gradativo, quanto antes o alfabetizando tiver contato com todas as sílabas, maior a garantia da sua alfabetização.

A ação de quem aprende, (alfabetizando) para se compreender o que se quer aprender (a língua escrita) é de fundamental importância nesta nova visão.

É esta ação, que produz o conhecimento. Em outras palavras, para que uma criança aprenda a língua escrita é necessário possibilitar que sua inteligência aja sobre a língua escrita que ela quer entender e explicar.

Tentando explicar a si próprio de que modo a escrita se organiza, o alfabetizando enfrenta problemas e ao resolvê - los aprende a escrever e ler.

E os alfabetizandos fazem isto, tentando escrever, analisando escritas, ouvindo leituras, pensando sobre a escrita.



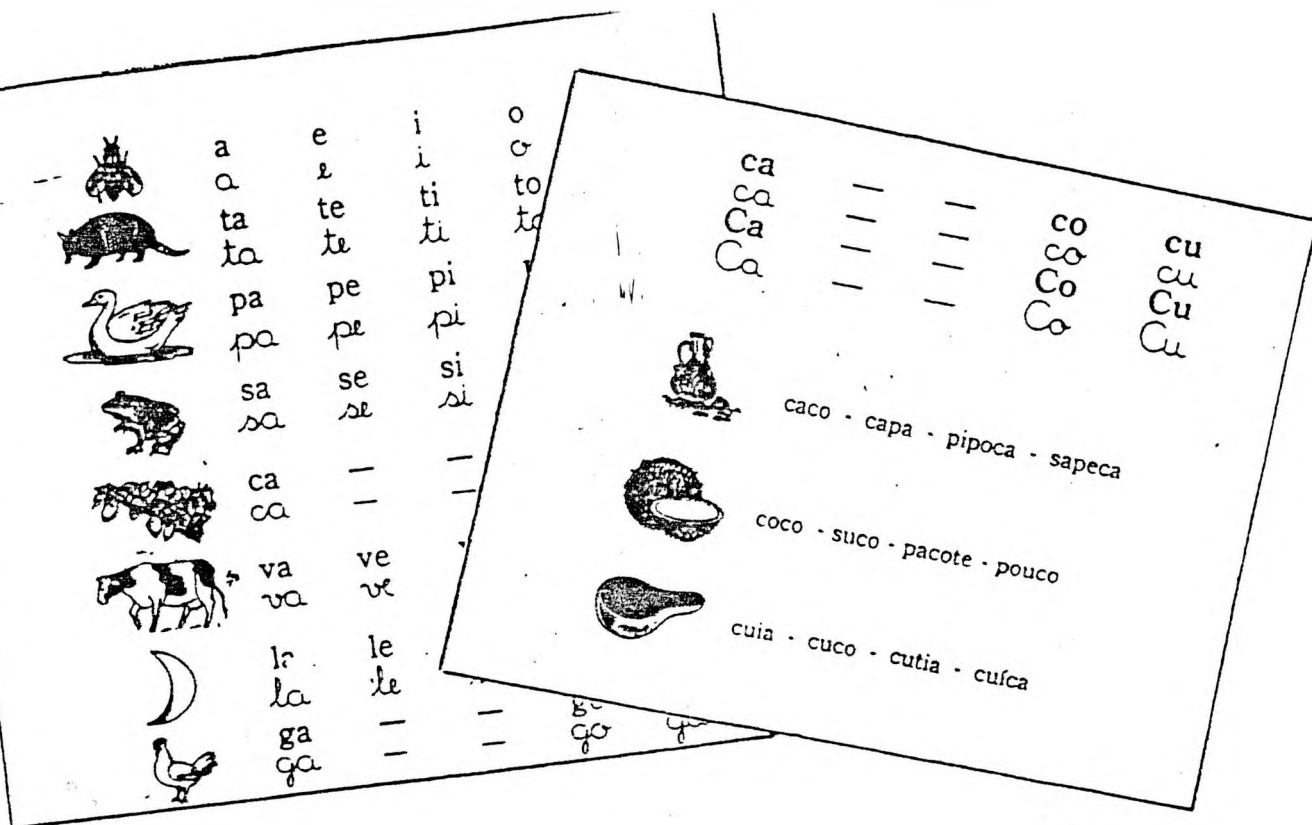
E agora, o que acontece na sala de aula ?

Quando a gente entra, hoje, numa sala de alfabetização corre o risco de encontrar uma situação bem próxima da que seria vista há muitos e muitos anos atrás.

Isto porque grande parte dos professores trabalha de forma tradicional, incorporando muito pouca coisa das novas descobertas. Estes professores tentam repetir na sala de aula comportamentos semelhantes aos que eles conheceram, quando estavam sendo alfabetizados.

Afinal, grande parte dos professores, mesmo querendo fazer um trabalho competente, só conta com o seu próprio esforço na hora de aperfeiçoar sua prática.

Para estes professores a língua escrita continua sendo entendida como um sistema de codificação da fala que se aprende graças à repetição e aos exercícios de fixação.



Tanto as cartilhas que seguem o modelo analítico - sintético , como as que acompanham o sintético apresentam os mesmos pontos falhos em relação à aprendizagem da escrita :

- a ordenação de dificuldades foi realizada segundo critérios dos autores da cartilha sem nenhuma interferência dos maiores interessados : os que aprendem.

Este comportamento torna esta classificação muito discutível uma vez que é praticamente impossível alguém julgar o que é fácil ou difícil no lugar de uma outra pessoa.

- a cartilha foi escrita com o objetivo de ensinar a ler . Este fato torna a cartilha um livro de natureza rara, algo fora do comum a qualquer outro livro.

Com isto a cartilha se distancia dos outros livros e de todos os outros textos. Isto impede que o alfabetizando compreenda que a escrita é um objeto cultural que permite ao ser humano a expansão de seu contato com outros seres humanos no tempo e no espaço. Leitura e escrita são instrumentos para comunicação. Ninguém lê por ler ou escreve por escrever. Ainda que a comunicação seja com a própria pessoa que escreve o que lerá mais tarde ou lê o que escreveu anteriormente. Na cartilha , o alfabetizando lê apenas para aprender a ler. Uma leitura que não lhe faz nenhum sentido a não ser operar com símbolos que na maior parte das vezes não lhe diz nada.

pa pe pi po pu				
Pa	Pe	Pi	Po	Pu
Pa Pe Pi Po Pu				
papo	paca	né	papudo	panela
papa	pano	pó	peludo	picada
papai	pode	pia	pipoca	piano
pipa	pulo	piada	pomada	pião
O pato comeu a pipoca da panela.				

A mudança na alfabetização : depoimentos de educadores

É inegável que todas estas mudanças no modo de encarar a alfabetização , apontam muitas questões que estão dando origem a mudanças na prática da alfabetização.

Mudar não é tarefa fácil. Os professores precisam de tempo para compreender e vivenciar esta nova situação. Eles necessitam ler, questionar suas próprias idéias, pedir informações

O encontro com outros professores que também vivem as mesmas inquietações é de grande importância, para o enriquecimento profissional de todos.

Acreditando no significado desta troca, mesmo quando ela é feita através de um texto escrito, reproduzimos aqui o relato de professoras que estão vivendo esta aventura que é entrar com seus alunos, no mundo da escrita:

"O ano passado foi para mim muito duro. Passei boa parte dele com uma contradição que é, para mim, insuportável: pensar de uma forma e agir de outra.

Eu já vinha lendo muito coisa a respeito de pré- escola e alfabetização pelo fato de ter duas filhas em idade pré- escolar. Não só devido às leituras mas também pela observação de como se dava a aprendizagem de minha filha mais velha aos 5 anos e meio - já vinha concluindo que o processo de aquisição de leitura acontece de forma diferente desta que sempre supomos.

Eu já havia trabalhado com alfabetização há algum tempo, usando a cartilha, da forma que aprendemos a usá - la com as pessoas que já alfabetizavam. Mas achava esse processo pobre e limitado. Sempre procurei criar materiais e atividades, mas a espinha dorsal do trabalho sempre era, senão a cartilha, a silabação sequenciada que a norteia.

Minha filha que aprendia a ler sozinha em casa, contra a minha vontade, me fazia refletir seriamente sobre o meu trabalho com alfabetização, já que ela aprendeu a ler tudo de uma só vez.

No ano passado não consegui muitos avanços e me angustiei a ponto de me colocar uma opção : este ano mudaria definitivamente a minha prática ou abandonaria o trabalho de alfabetização.

No começo deste ano , fui para uma outra escola onde não conhecia ninguém.

Escolhi uma classe de alfabetização completamente heterogênea. Fechei a porta da sala e comecei a quebrar a cabeça.

A heterogeneidade da turma era em todos os níveis : idade (de 6 a 12 anos), nível socio - econômico (favelados, cortiçados e classe média), escolaridade anterior (nenhuma, 1 série regular, e pré, sendo que a maioria nunca havia estudado antes) e outras diferenças mais

Com a porta fechada iniciei o trabalho a que me propus sem ter com quem discuti -lo. O sentido da "porta fechada " vinha do desconhecimento dos colegas alfabetizadores da escola: eu, na verdade, temia uma resistência por parte deles que viesse a me pressionar. Nada disto aconteceu e meu trabalho foi respeitado - ou , pelo menos houve silêncio diante dele.

Mantive , no começo , alguns comportamentos que eu já vinha utilizando: palavras geradoras, partidas em sílabas que eram usadas para reconstruções de novas palavras. Já não havia a preocupação em isolar as dificuldades das sílabas simples e o que contava realmente era a significação da palavra geradora. Mas havia nesse trabalho um nó que me incomodava e eu não sabia bem o que era.

Nesse meio tempo "fui descoberta" pela monitora de alfabetização da Delegacia de Ensino que acabou me levando para participar de um grupo de estudo sobre alfabetização.

Fixei as letras do alfabeto na sala, coloquei o alfabeto à disposição dos alunos mostrando que com aquelas letras eles poderiam escrever tudo o que quisessem.

Trabalhei com o nome próprio de cada um) e o meu nome.

Recortes de palavras (jornais e revistas) montando palavras, embalagens vazias, parlendas, poesias, música, regras de jogos, bilhetes, bulas, filmes, noticiários, horóscopos, etc. faziam parte do nosso dia a dia.

Levei à sala de aula livros com histórias infantis, confeccionamos jogos, listras (as listagens contribuíram muito para alfabetização) : lista de objetos de sala de aula; lista do que compramos no supermercado, na feira, etc. Fizemos atividades como: "sentem no portão e façam uma lista de tudo o que vocês estão vendo. Sentem na sala e façam uma lista de tudo o que há na sala." O mesmo foi feito no quarto, no portão da escola, etc.

Nossa sala de aula passou a ser um ambiente alfabetizador com muitas informações; o aluno passou a ficar em contacto direto com a escrita.

Apreendi muito com meus alunos. A troca de informações na sala de aula foi muito grande, auxiliando - nos na aprendizagem. "

Terezinha C Garrido - Escola Estadual de 1 Grau "Ademar Hiroshi Suda- S.P.

"O nosso trabalho de alfabetização partiu da escrita dos nomes das crianças e da história de vida delas. Elas relataram e escreveram as suas histórias. São escritas espontâneas, fatos de suas vidas. Para a criança expressar-se espontaneamente em linguagem escrita, é necessário que ela se sinta segura no uso de suas hipóteses e, para isso, é preciso no início deixá-la livre para escrever do jeito que julgar certo.

Tudo na nossa classe é motivo de escrita. As crianças contam a história e logo em seguida cada uma escreve a sua. Terminadas as histórias elas lêem para o grupo, ilustram e elegem algumas palavras para o painel da classe e depois passam para o dicionário individual.

Outro momento importante na classe é a Hora de Histórias. As crianças estão constantemente em contato com livros de histórias. Escolhemos o livro, eu leio para elas ou lêem em grupo. Ler e escrever são momentos de muito prazer para essas crianças. A conquista da leitura e da escrita tem sido muito gratificante para elas e para os professores. "

Jacira Bergue - Escola Estadual de 1 Grau "Dep. Gregório Bezerra - Diadema

Apesar de variarem muito entre si, essas experiências, aqui apresentadas, compartilham de alguns pontos comuns:

- * da importância de se entender e aceitar que todos na sala de aula, desde o começo, podem, mesmo em diferentes níveis de conceitualização, produzir e interpretar escritas;

- * que a escrita tem um caráter social, ela existe para cumprir seu papel na comunicação;

- * que é necessário permitir e estimular as crianças a interagir com as mais variadas situações onde a escrita está presente

- * que não é necessário exigir de imediato a correção ortográfica, pois da mesma maneira que na aprendizagem da fala o importante é dar à criança as oportunidades de interação com o modelo adulto. Os erros que aparecem precisam ser interpretados pelo professor, para orientá-lo nas ações que irá planejar

Estas foram algumas informações que nos pareceram importantes para que você alfabetizador possa melhorar a qualidade de seu trabalho. Compete a você, no entanto, o esforço continuado de repensar a sua prática e descobrir os caminhos para alcançar o sucesso na sua tarefa de educador. Dá trabalho mas vale a pena !



CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS SERVIDORES PÚBLICOS DO GDF

NOME: MATRÍCULA:

COORDENADOR:

LOCAL: DATA:/...../.....

PORTUGUÊS

LIMPEZA DA SALA

HOJE, EM NOSSA CLASSE, A PROFESSORA TEVE UMA CONVERSA MUITO SÉRIA CONOSCO, LOGO NO INÍCIO DA AULA, ELA DISSE:

– ESTOU TRISTE COM VOCÊS PORQUE RECEBI UMA RECLAMAÇÃO DA DONA ZÉLIA. VOCÊS SABEM QUEM É ELA?

TODOS RESPONDERAM QUE NÃO E ELA CONTINUOU:

– DONA ZÉLIA É A ZELADORA QUE FAZ A LIMPEZA DE NOSSA SALA. ELA RECLAMOU QUE TEM ENCONTRADO A SALA MUITO SUJA. NOTEM COMO AGORA A SALA ESTÁ LIMPA. VAMOS ZELAR POR ELA?

DEPOIS DISSO AJUDAMOS A PROFESSORA A FAZER UM CARTAZ QUE DIZIA: “COLABORE COM A ZELADORA, MANTENDO A SALA LIMPA”.

NO DIA SEGUINTE, A PROFESSORA CONTOU QUE FIZEMOS DONA ZÉLIA MAIS FELIZ, POR QUE VALORIZAMOS SEU TRABALHO NA ESCOLA.

1 - LEIA COM ATENÇÃO E RESPONDA AS PERGUNTAS:

a - QUEM ERA DONA ZÉLIA?

.....

b - QUAL ERA A RECLAMAÇÃO?

.....

c - QUE PEDIDO FEZ A PROFESSORA À CLASSE?

.....

d - POR QUE DONA ZÉLIA FICOU MAIS FELIZ?

.....

e - VOCÊ AJUDA A CONSERVAR A LIMPEZA DE SUA SALA, SUA CASA, SUA CIDADE? COMO?

.....

.....

2 - SEPRE AS SÍLABAS DAS PALAVRAS:

- | | |
|------------------|----------------------|
| a - CLASSE | f - PROFESSORA |
| b - INÍCIO | g - RECEBI |
| c - LIMPA | h - LIMPEZA |
| d - CARTAZ | i - ZELADORA |
| e - AGORA | j - TRABALHO |

3 - DÊ O PLURAL DAS PALAVRAS:

- | | |
|------------------|------------------|
| a - HOTEL | f - FELIZ |
| b - MESA | g - SALA |
| c - O MAR | h - LÁPIS |
| d - CANÇÃO | i - COPO |
| e - CIRCO | j - LANCHE |

4 - FORME FRASES COM AS PALAVRAS:

- a - ZELADORA
- b - TURMA
- c - CHAPÉU
- d - AULA
- e - ÔNIBUS

5 - DÊ O SINÔNIMO DAS PALAVRAS:

- | | |
|------------------|---------------------|
| a - CLASSE | d - COLABORAR |
| b - VELHO | e - LIGEIRO |
| c - ALEGRE | f - DELICIOSO |

6 - ESCREVA AS LETRAS QUE FALTAM PARA COMPLETAR O ALFABETO:

A,, D,, H,, N,, R,,

.....

7 - PASSE UM TRAÇO EMBAIXO DAS VOGAIS E UM CÍRCULO EM VOLTA DAS CONSOANTES:

EXEMPLO: ZÉLIA

CARTAZ - ZÉLIA - ESCOLA - CONVERSA

8 - COMPLETE AS PALAVRAS COM M OU N:

- a - CA.....TO

b - SA.....BA

c - SA.....TO

d - LI.....PO

e - PO.....BO
- f - BA.....DEIRA

g - TA.....BÉM

h - LO.....GO

i - CA.....PO

j - TA.....BOR

9 - ACENTUE AS PALAVRAS ABAIXO:

CAFE	ONIBUS	SOFA	LAPIS	INDIO
LAMPADA	RELOGIO	MEDICO	VOVO	TENIS

10- INVENTE UMA HISTÓRIA SOBRE SUA CIDADE E ESCREVA NAS LINHAS ABAIXO:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

BOM TRABALHO!

DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS
DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO DE PESSOAL
SERVIÇO DE EVENTOS ESPECIAIS

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

- . Dificuldades físicas-visão, coordenação motora, nervoso
- . Interesse da leitura e escrita
- . Participação nas discussões em grupo
- . Influência da religião
- . Experiência de estudo (escolar ou não)
- . Iniciativa na leitura conjunta
- . Desempenho na leitura
- . Desempenho na escrita
- . Influência do método tradicional
- . Exercícios domiciliares
- . Assimilação na memorização
- . Frequência X desempenho
- . Cooperação com os colegas
- . Apoio da família
- . Apoio no Trabalho
- . Influência de problemas pessoais, mudança de moradia, doença pessoal e de familiares, férias.